



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

ANTONIETA LIRA E SILVA

**PAIXÃO E DROGA COMO VÍNCULOS PATOLÓGICOS:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO DE
DEPENDÊNCIA ENTRE SUJEITO E OBJETO**

RECIFE

2005

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

ANTONIETA LIRA E SILVA

PAIXÃO E DROGA COMO VÍNCULOS PATOLÓGICOS:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO DE
DEPENDÊNCIA ENTRE SUJEITO E OBJETO

RECIFE

2005

ANTONIETA LIRA E SILVA

**PAIXÃO E DROGA COMO VÍNCULOS PATOLÓGICOS:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO DE
DEPENDÊNCIA ENTRE SUJEITO E OBJETO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, composta por: Prof. Dr. Ronaldo Monte de Almeida e Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas, como exigência à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz

RECIFE

2005

S586p

Silva, Antonieta Lira e

Paixão e droga como vínculos patológicos : um estudo psicanalítico sobre a relação de dependência entre sujeito e objeto / Antonieta Lira e Silva ; orientadora Edilene Freire de Queiroz, 2005.

90 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.

1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Drogas - Aspectos psicológicos. 4. Comportamento de apego. 5. Dependência (Psicologia). I. Título.

CDU 159.964.2

**PAIXÃO E DROGA COMO VÍNCULOS PATOLÓGICOS:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA
ENTRE SUJEITO E OBJETO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, composta por: Prof. Dr. Ronaldo Monte de Almeida e Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas, como exigência à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz

DATA: _____

Prof. Dr. Ronaldo Monte de Almeida

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz

À minha querida e amada Mãe, exemplo de força e determinação que me ajudaram a enfrentar todos os obstáculos, fazendo-me não desistir.

Ao meu Pai (*in memoriam*), que, onde quer que ele esteja, sei que me ajudou a escrever esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar sempre me guiando e dando o suporte necessário para enfrentar as adversidades da vida.

Agradeço ao meu Pai, que, mesmo de “longe”, sei que contribuiu para a realização deste trabalho.

Agradeço à minha querida e amada Mãe, exemplo de força, coragem, superação, determinação, amor e respeito, responsáveis pelo que sou hoje e pelo que consegui, estando sempre a meu lado confiando e acreditando em minha capacidade. A ela, meu eterno amor.

Aos meus irmãos, Ângela, Edinho, Carol e Lázaro, pelo incentivo e apoio a todo instante; em especial, ao Lázaro, companheiro dos últimos meses de escrita desta importante realização.

À minha cunhada mais que querida Larissa, por todas as trocas afetivas e intelectuais, pelo apoio, atenção e carinho em momentos de profunda angústia e desamparo vividos, buscando este objetivo.

A Edilene Queiroz, pela acolhida ao tema de minha dissertação, pela dedicação e competência com que orientou esta pesquisa, bem como pelo suporte a minhas angústias e ansiedade ao decorrer de sua elaboração. A ela, meu carinho e gratidão.

Ao professor Zeferino Rocha, pela disponibilidade, atenção e pelas contribuições essenciais para o enriquecimento deste estudo.

Aos professores Ronaldo Monte de Almeida e Marcus Túlio Caldas, pela disponibilidade e colaboração para a participação na banca examinadora e, especialmente, pelas sugestões dadas para enriquecimento de nossa pesquisa.

Ao professor Albanio, pela atenção e prontidão, colaborando, de forma essencial e enriquecedora, com a revisão do texto.

A Socorro Evaristo, que, gentilmente, colaborou na elaboração do resumo em língua inglesa.

E não posso esquecer de agradecer a minhas amigas (“presente do mestrado”) Marcela Lima, Giselle Diniz, Veridiana Alves e Virgínia Pinto, pelo convívio com trocas afetivas e intelectuais ao longo desses anos de mestrado.

Agradeço à minha amiga Hadassa Lourenço, pela escuta, paciência e incentivo diante de minhas angústias pessoais e profissionais ao longo dessa trajetória.

Agradeço à direção da Faculdade Santo Agostinho (FSA), pela compreensão e apoio que dela recebi, em especial, nos dois últimos anos.

E, por fim, mas não por último, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta longa jornada em minha vida. Obrigada a todos, de coração!!!

Ao perder-te...

Ao perder-te eu a ti, tu e eu teremos perdido.

Eu, porque tu eras quem eu mais amava.

E tu, porque eu era quem te amava mais.

Mas, de nós dois, tu terás perdido mais que eu.

Porque poderei amar a outros como amava a ti.

Mas a ti não amarão, como te amava eu.

(Ernesto Cardenal)

RESUMO

O mundo onde vivemos vem apresentando mudanças avassaladoras e, evidentemente, transformações também ocorrem na clínica psicanalítica, que se depara com novas formas dos sintomas. O homem, ao nascer, depende de alguém para continuar vivendo, o que confere a ele a característica de um desamparo fundamental, no qual necessita do suporte do outro para sua sobrevivência. Alguns “necessitam” permanecer na posição de “dependente” do outro ou de algo, forma com que ele “consegue” vincular-se ao longo da vida. Buscando entender essa forma de vinculação, objetivamos compreender, a partir das contribuições de Freud, de Lacan e de teóricos que podem acrescentar de forma significativa, a relação de dependência entre sujeito e objeto. Primeiramente, procedemos a uma reflexão das noções de sujeito e de objeto segundo a psicanálise, na perspectiva de Freud e Lacan, fazendo um recorte no contexto da paixão e da droga. Distinguimos o objeto de desejo, do objeto de necessidade e do objeto de dependência. Em seguida, discutimos a questão do vínculo patológico, articulando-o com a relação de dependência. Fizemos ainda algumas aproximações de teóricos do vínculo com a noção de relação de objeto conforme Lacan. Entendemos que, subjacente ao vínculo patológico, encontra-se uma relação de dependência. Finalizando, falamos de um vínculo que se estabelece entre sujeito e objeto no sentido de dependência, que deve ser entendida como relativa a determinados comportamentos caracterizados pelo abuso e pelo excesso, essa relação passa a se configurar numa patologia pela intensidade e preponderância, independente das características desse objeto. A dependência ao “objeto escolhido” leva o sujeito à servidão. Submeter-se a qualquer coisa para não perder é a regra do sujeito que apresenta uma estrutura aditiva. Logo, a consequência marcante é a perpetuação da situação de dependência em relação ao outro, negando-se o princípio básico da alteridade.

PALAVRAS - CHAVE:

1. Vínculo patológico
2. Relação de objeto
3. Objeto-droga
4. Objeto da paixão
5. Relação de dependência

ABSTRACT

The world where we live in is presenting overwhelming changes and some transformations also occur in the psychoanalytical clinic which appears with new forms of symptoms. When the man is born he needs someone in order to survive. Some of them “needs” to continue in this situation of dependency on somebody or something else and only this way he can links throughout life. Based on Freud and Lacan’s theories we try to understand this kind of linking that can contribute with significant form the relation of dependency between person and object. First of all we make some reflections about notion of person and object according to Freud and Lacan’s psychoanalysis making a clipping in the context of passion and drug. One distinguishes the object from desire, the object of necessity and the object of dependency. After that, we discuss the question of the pathological bond articulating it with a relation of dependency. We approached still some theorists with the link with a notion of object relation according to Lacan. We understand that under the pathological link one can find the relation of dependency. At last, we talked about the bond which is related between the subject and object in the sense of dependency which must be understood as related to a certain behavior characterized by abuse and excess and a relation between person and object becomes pathology due to intensity and preponderance independent from the characteristics of the subject. The dependence to the “chosen object” induces the person to the bondage. The person submits to anything in order to avoid losing something and that is a rule for a person that presents an additive structure. So, the remarkable consequence is the perpetuation of a dependency situation in relation to somebody, denying the basic principle of becoming a subject.

KEY WORDS:

1. Pathological bond
2. Object relation
3. Object-drug
4. Object of passion
5. Relation of dependence

SUMÁRIO

| | Páginas |
|---|-----------|
| AGRADECIMENTOS | 05 |
| RESUMO | 08 |
| ABSTRACT | 09 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| | |
| CAPÍTULO 1 | |
| CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO NO CONTEXTO PSICANALÍTICO | 21 |
| 1.1 A noção de objeto em Freud | 26 |
| 1.2 O estatuto do objeto para Lacan | 36 |
| | |
| CAPÍTULO 2 | |
| RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA E A QUESTÃO DO VÍNCULO PATOLÓGICO.. | 48 |
| 2.1. Narciso e narcisismo | 50 |
| 2.2. Vínculo patológico com o outro | 61 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 79 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 84 |

INTRODUÇÃO

O interesse inicial deste estudo era fazer uma reflexão sobre a função paterna no contexto da clínica das toxicomanias. Pesquisando sobre a condição de dependência nos casos de drogadicção, foi indispensável aprofundarmo-nos na compreensão do tipo de relação que o sujeito mantém com o objeto-droga. Verificamos, então, que o tipo de vínculo estabelecido pelo sujeito com o objeto não difere, substancialmente, dos ocorridos nos casos de relações amorosas, em especial na paixão. Também aí ocorria uma condição de dependência. Diante dessa constatação e no propósito de aprofundar tal discussão, adiamos o interesse em estudar sobre a clínica das toxicomanias para, primeiro, refletir como o vínculo do sujeito com o objeto de seu desejo pode transformar-se numa dependência patológica.

Tomamos o vínculo nos casos de paixão e de droga, pois em ambos se instaura uma relação de dependência psíquica. Embora se reconheça o distinto valor social de cada um desses objetos, observa-se a similaridade entre eles: as terríveis devastações que causam. Em ambas as situações, o objeto passa a ocupar um lugar particular na vida do sujeito, transformando-se em objeto de necessidade responsável pela manutenção da existência daquele.

Na atualidade, multiplicam-se as descrições de dependência à cocaína, ao álcool, aos medicamentos, aos alucinógenos, ao tabaco, à comida, ao açúcar, ao chocolate, ao café. Incluem-se aí, também, os mais diversos comportamentos excessivos e compulsivos, como jogo, televisão, esporte, paixão, trabalho e sexo. Em todos esses casos, pesa mais o tipo de vínculo do que o objeto em si. À primeira vista, pode-se valorar que a dependência à cocaína causa mais danos ao sujeito do que a dependência ao açúcar, considerando-se as substâncias químicas envolvidas. Não se desconhece que diferentes objetos produzem diferentes efeitos e graus distintos de devastação. Mas, tratando-se de dependência psíquica, a busca de um ou outro, ao tornar-se excessiva, escraviza o sujeito, a ponto de reduzir sua existência para buscar o encurtamento da distância com o objeto ou para entregar-se a um gozo mortífero ao encontrá-lo.

Pretendemos com isso afirmar que o acento do nosso estudo reside no tipo de vínculo formado entre o sujeito e o objeto do seu desejo. Evidente que, ao discutirmos sobre vínculo patológico, inevitavelmente, tratamos da questão de dependência. Esta, aqui, deve ser entendida como relativa a determinados comportamentos caracterizados pelo abuso e pelo excesso, e a relação entre sujeito e objeto passa a se configurar numa patologia pela intensidade e preponderância, independentemente das características desse objeto. Tal tipo de relação parece ser uma constante no mundo contemporâneo.

Nas últimas décadas, constituiu-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Essa fragmentação não só constitui uma forma nova de subjetivação, como também

serve de matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas.

Segundo Birmam (2001), “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas”. Para ele, a pós-modernidade tem como maior metáfora o desamparo no seu sentido mais amplo.

O desamparo se impõe como sintoma e como fonte permanente de produção de perturbações psíquicas, na medida em que a dor que revela contraria todas as pretensões da modernidade, aquelas em que o sujeito dominaria o mundo de uma maneira absoluta e indiscutível. (BIRMAM, 2001, p. 29).

Segundo o mesmo autor, medicalizar o mal-estar é empreender ativamente o trabalho do esquecimento pela recusa do desamparo e seus significados. Ele ainda enfatiza a utilização da droga como ferramenta terapêutica de uma psiquiatria massificante, instrumentalizada para (ou contra) as classes populares socialmente marginalizadas. O aparato assistencial atende massivamente, sem permitir aos pacientes o direito à sua singularidade. O objetivo dos medicamentos é regular síndromes e sintomas, o que se constitui em estratégias de controle social.

De acordo com estudos mais recentes, modificou-se a relação do sujeito com seu objeto. Vive-se numa sociedade em que as pessoas não mais se

permitem ficar tristes, não toleram o fato de serem frustradas. Instalou-se uma ordem social segundo a qual as pessoas valem pelo que aparentam, e não pelo que são, predominando, cada vez mais, o individualismo.

A cultura globalizada faz o achatamento do simbólico, reduzindo o vazio imaterial ao buraco imaginário insuportável, insuperável e intransponível. Buraco imaginário e terrível ao qual a sociedade oferece uma série infindável de objetos quase sempre insuficientes e descartáveis.

Verifica-se um tipo de escolha de objeto predominantemente narcísica, com relações de caráter peculiar: um funcionamento defensivo, que envolve os mecanismos de recusa e dissociação com produção de formações sintomáticas de conduta e relacionais, de significação fetichista (as extravagâncias, excessos ou loucuras); um funcionamento presente, mas limitado, dos processos de elaboração psíquica de tipo neurótico e segundo o princípio de prazer-realidade, que, ao falir, descompensa-se ou será sobrepassado pelas tendências narcisísticas, e a compulsão de repetição tende a funcionar “para além do princípio do prazer”, com produção de sintomas psicossomáticos, explosões de pânico, relações de dependências e condutas aditivas.

As características apontadas permitem associar essas formações psicopatológicas a outros quadros que tendem a ser considerados como conceitos ou patologias nosográficas independentes, como adições, anorexias, bulimias, doenças psicossomáticas, síndrome do pânico, depressões, relações de dependência. Associá-las não quer dizer reuni-las nem fazê-las dependentes de

um único tipo de personalidade, no entanto as dinâmicas reconhecidas são úteis para se compreenderem os diversos quadros. Tais formações tendem a ser incluídas numa denominação geral de “patologias de borda” ou “patologias atuais ou contemporâneas” tanto pelo caráter epidêmico, que muitas delas vêm adquirindo, como pelas linhas de trabalho que enfatizam em sua determinação o papel dos modos hegemônicos de produção de subjetividade.

A questão da afetividade é de absoluta importância para tentarmos compreender os sofrimentos atuais, já que a intensidade e o excesso pulsionais seriam características marcantes desses sofrimentos.

Diante de tal panorama, está o homem. Como um ser que nasce inserido numa situação de desamparo, por um período inicial precisa do Outro para sobreviver. Ele depende de alguém para continuar vivendo, o que lhe confere uma característica: a do desamparo fundamental. Para Freud, o fato de o ser humano ser prematuro em relação às outras espécies faz com que seu período de desamparo e dependência se torne muito longo e, como conseqüência, o objeto de que ele depende adquire uma importância extraordinária. E conclui: “O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida”. (FREUD, 1926, p. 179).

Essa condição é entendida como primordial e constitutiva de existir do sujeito, que vai necessitar do suporte do outro para sobreviver. Para superar ou supra-assumir o desamparo, o homem precisa criar artifícios para conviver com

sua fragilidade e finitude – sinônimos do vazio e do horror que o espreitam a todo instante. Porém alguns sujeitos ‘necessitam’ continuar na posição de “dependente” do Outro ou de algo. No nosso entendimento, esse tipo de posição se exacerba num mundo carente de garantias de amparo, individualista, de hipertrofias narcísicas.

Se tais razões podem ser apontadas como responsáveis pelo crescimento do tráfico e de sujeitos drogaditos por outro, vê-se, também, aparecer um tipo de relação afetiva em que o sujeito se apega ao outro como um náufrago. Que haveria, então, de comum entre os dois tipos de vínculo? No propósito de compreender tais fenômenos, enveredamos pelo estudo da relação de dependência como vínculo patológico. Pretendemos falar de uma relação de dependência na qual não importa qual seja o objeto, e sim o lugar que ele vem ocupar na vida do sujeito e onde ele adquire qualidades peculiares que o transformam em objeto de necessidade, e não de desejo.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa teórica em que trabalhamos a questão do objeto em Freud e em Lacan, bem como discutimos a teoria de relação de objeto segundo Lacan. Isso porque, na teoria psicanalítica, costuma-se utilizar a noção de relação de objeto, sobretudo, a partir das contribuições de Lacan. Tal noção é constituída por uma estrutura que funciona de maneira dinâmica, em contínuo movimento e é acionada ou movida por fatores pulsionais e por motivações psicológicas. Porém, no presente estudo, utilizamos o termo “vínculo”, pois entendemos que a relação de objeto faz parte da estrutura interna do vínculo.

Para efeito deste trabalho, utilizamos a expressão “objeto-droga” não no sentido estrito, relativo ao uso de algum tipo de droga, e sim, no sentido metafórico que a palavra droga nos conduz e suas implicações no psiquismo do sujeito. Droga, aqui, remete tanto às substâncias químicas que acarretam dependências físicas como a qualquer objeto que deixa o sujeito “intoxicado”, dependente, viciado.

Somos incompletos por natureza. Nascer é se confrontar com a falta. Viver representa buscar preencher as faltas que vão surgindo ao longo da vida. Deparamo-nos com faltas conhecidas e com outras inconscientes que aparecem sob a forma de angústia, de ansiedade, de medo, de relações de dependência, de depressão ou de pânico difíceis de lidar.

Perceber-se incompleto e “faltoso” gera um certo sofrimento: viver com a sensação de falta. À primeira - falta primordial - poderá juntar-se outras ao longo da vida, por conseguinte o “buraco interior” vai aprofundando-se. A depender da história de cada um (fala-se das marcas da própria espécie e da dinâmica familiar diferencial), serão mais ou menos profundas. O movimento de busca na tentativa de preenchimento da falta exige dispêndio de energia. Assim, ela “rouba” uma energia que estava harmonizada com o todo, deixando “buracos” que pedem preenchimento para o restabelecimento do equilíbrio.

A falta, apesar de gerar intenso sofrimento psíquico, é constitutiva na organização psíquica do sujeito, processo a este inerente, por isso se diz que ela é estrutural, ou seja, está na sua constituição. Há um "objeto perdido" que teria, no

passado, propiciado uma experiência de completude: tal objeto teria sido a primeira experiência de satisfação, que é irrecuperável.

A posse, a propriedade sobre o objeto, tem de ser como o sujeito quer. Qualquer movimento daquele fora do desejo deste é percebido como ameaça. O sujeito passa a viver em função da “evitação” da possibilidade de perder seu “objeto necessário” e a fantasiar situações e soluções para o “objeto escolhido” continuar no lugar que lhe foi determinado, o lugar de completude do sujeito.

Diante disso, temos um sujeito que se vincula não só à forma patológica cuja relação se estabelece a partir de uma falta que nunca será tamponada, como também a uma busca de afastamento da angústia do desamparo. Temos, portanto, a questão do vínculo patológico como uma forma de o sujeito se relacionar com seu objeto. Uma relação onde o objeto é tomado como portador de toda forma de satisfação de necessidade desse sujeito.

A relação de dependência ou vínculo patológico pode ser usada para encobrir a falta, camuflando-se como recusa à castração, apresentando-se como busca de uma completude ilusória. Isso nos remete a uma possível semelhança com a paixão amorosa desmedida, conforme nos lembra Lejarraga:

Freud define a paixão amorosa como um investimento de libido narcísica no objeto, o que leva a idealizar o objeto amado e a aspirar à união com ele. O apaixonamento representa uma das “doenças” narcísicas: pretender ilusoriamente restituir a completude narcísica via objeto idealizado. A onipotência narcísica, à qual nunca se renunciou totalmente, leva o sujeito a querer anular o lapso entre ideal e realidade, a querer viver a

promessa do ideal do eu como presente, já realizado, ou seja, a querer restaurar o eu ideal narcísico. (LEJARRAGA,2002, p. 98).

Assim como na paixão amorosa, na relação de dependência, ocorre uma intensificação dos valores do objeto em detrimento do próprio ego, o que faz o objeto adquirir qualidades cada vez mais enaltecidas, acarretando a diminuição do amor a si mesmo. Essa devoção ao objeto silencia a instância crítica do ideal do ego, colocando o objeto da dependência no lugar do ideal: depositam-se nele todos os ideais que o sujeito venha a desejar.

A noção subjacente a toda questão do tema proposto é de que a escolha do objeto nos parece, por vezes, pretender o retorno ao reino perdido das necessidades. Convém investir no outro enquanto aquele é um complemento narcísico, que possibilita o retorno à desejável satisfação original. O luto pelo objeto primordial instaura, pois, uma nova ordem subjetiva. A partir daí, o sujeito sempre vai “eleger” objetos que apresentem “traços” do primeiro.

Na realidade, trata-se de um objeto que vem substituir o primeiro. Se houve comprometimento na relação primária da vida do sujeito, essa forma de relação é introjeta e serve de modelo de vínculo com os objetos ao longo da vida. Ressalte-se que, muitas vezes, tais “modelos comprometidos”, posteriormente, podem servir para o estabelecimento ou a formação de vínculos patológicos entre sujeito e objeto.

Por tais razões, dissertamos sobre uma estrutura aditiva presente nessa forma de vincular-se ao objeto, que, como algo necessário e vital para a sobrevivência psíquica do sujeito, faz a relação ter um caráter imperioso e colocar-

se no âmbito das relações aditivas. Pensando no vínculo com caráter de adição, ou seja, a forma de relação com um outro ou objeto na qual este se torna necessidade, Joyce McDougall (1995) discute-a, ao falar da existência de uma “estrutura aditiva”. Segundo ela, tal estrutura é comum a todos os sujeitos dependentes, grupo em que está incluído aquele que faz uso do outro como droga. Nesse caso, o outro se torna algo necessário à vida do sujeito e objeto de fuga da angústia. Em outras palavras, na “estrutura aditiva”, a atuação representa uma maneira compulsiva de evitar o transbordamento afetivo. Tal estrutura é caracterizada pela procura constante, no objeto, de solucionar problemas internos. Embora o objeto seja o mais variado possível, o importante é o modo de se relacionar com ele.

Buscando construções teóricas sobre a relação de dependência como vínculo patológico, objetivamos compreender, a partir de uma reflexão sobre as obras de Freud, Lacan e teóricos que possam contribuir para o estudo, a relação de dependência entre sujeito e objeto. Para isso iniciamos com uma reflexão sobre as noções de sujeito e de objeto segundo a psicanálise, no contexto da paixão e da droga. Para tanto, distinguimos o objeto de desejo do objeto de necessidade. Abordamos a noção de escolha de objeto na perspectiva de Freud e Lacan, principalmente.

Em seguida, discutimos a questão do vínculo patológico, articulando-o com a relação de dependência, e procedemos a algumas aproximações de teóricos do vínculo com a noção de relação de objeto conforme Lacan, porque entendemos que, subjacente ao vínculo patológico, encontra-se uma relação de dependência.

Assim, por meio desse trajeto, buscamos alcançar o objetivo de não só refletir sobre a relação de dependência entre sujeito e objeto, como também de conhecê-la.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO NO CONTEXTO PSICANALÍTICO

O vínculo, patológico ou não, suscita a seguinte pergunta: o que se vincula a quê? Tratando-se de relação, o vínculo supõe um sujeito que se vincula a um outro sujeito ou a um objeto. Há, portanto, dois termos na ação de vincular-se. Se nosso propósito com este trabalho é refletir sobre qual a característica do objeto quando o vínculo é patológico, isso nos exige primeiro tecer algumas considerações sobre as noções de objeto segundo a psicanálise. Evidentemente, em tal noção está implícita também a noção de sujeito, pois subjacente a toda relação com um objeto reside um sujeito, ou seja, o sujeito faz par com o objeto, há um movimento do primeiro em direção ao segundo, uma relação.

Embora seja difícil uma separação didática, preferimos, num primeiro momento, dividir e apresentar a noção de sujeito e, em seguida, a de objeto. Para a primeira, tomaremos os ensinamentos de Lacan já que Freud não utilizou o termo “sujeito”, embora não tenha ficado alheio à questão, pois abordou com outra

terminologia - *Das Ich*, sujeito da experiência. Quando introduziu a chamada segunda tópica, Freud empregou o pronome *es* de forma substantiva, *das Es*. Ademais, articulou com suas outras instâncias, o Eu (*das Ich*) e o Supereu (*das Über-ich*), também designadas por um pronome pessoal (*ich*, eu).

Já em Lacan, o termo “sujeito” está presente desde seus primeiros escritos quando equivalia a “ser humano”. No início de suas elaborações, partiu para uma concepção fundada na primazia do simbólico. O sujeito seria, então, efeito da operação de castração simbólica efetuada pela interdição do gozo do Outro, o que se dá por meio da metáfora paterna, enquanto significante dessa intervenção. A relação do sujeito com o significante é, pois, fundamental.

Em 1974 – 1975, Lacan avançou um pouco mais e tentou formular a constituição do sujeito baseado na economia do gozo. Com a elaboração da escritura a que chamou de “nó borromeu”, deu conta das três ordens a partir das quais o sujeito se constitui.

Freud também havia pensado em três elementos – pai, mãe e filho – à procura de alguma coisa que pudesse ligá-los entre si, de modo indissolúvel. Daí atribuiu à “realidade psíquica”, representada pelo Complexo de Édipo¹, tal função.

Na topologia do nó borromeu, considerada pelos lacanianos como a terceira tópica do aparelho psíquico, Lacan trabalha também com um quarto termo que

¹ Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica. O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do mesmo sexo e ódio pelo genitor do sexo oposto. O complexo de Édipo se manifesta entre os 3 e 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto.

liga os três anéis. Ele o nomeou de Nome-do-Pai², ponto nodal a partir do qual Real, Imaginário e Simbólico se enlaçam, impedindo, assim, o deslizamento do sujeito na cadeia significante.

Na noção de nó borromeu, subjazem as três ordens que constituem o sujeito. Expressão introduzida por Jacques Lacan em 1972, designa as figuras topológicas (ou nós traçados) destinadas a traduzir a trilogia do simbólico, do imaginário e do real, repensada em termos de real/simbólico/imaginário (R.S.I), portanto, em função da primazia do real em relação aos outros dois elementos.

Trata-se o nó borromeu de uma escritura, e não de um modelo, uma escritura que suporta um real. É o nó mental exigido pelo discurso psicanalítico. Sua consistência é a mesma do significante, o que permite o entrelaçamento dos três termos: real, imaginário e simbólico. Se um dos anéis se desata, os outros se soltam.

A que registro pertence o nó borromeu? Na medida em que é sustentado pelo número três, pertence ao registro do imaginário, pois a tríade RSI só existe pela adição do imaginário como um terceiro, logo, a sua consistência é imaginária. Ao fazer nó, os anéis se constituem numa estrutura estável e homogênea. O ponto central da tripla intersecção cria um buraco, lugar do objeto a^3 , que tem, ao mesmo tempo, consistência de real, de imaginário e de simbólico.

Cativo do significante, o sujeito se reconhece como alienado, mas uma forma de alienação constitutiva por se perceber feito à imagem de seu semelhante,

²O *Nome-do-Pai* é um termo, criado por Jacques Lacan em 1953 e conceituado em 1956, para designar o significante da função paterna.

³ A noção de objeto a , em Lacan, será aprofundada na página 37.

com quem, entretanto, jamais se confunde: sujeito emergente do real do seu corpo pela imagem que a palavra do Outro referenda. O sujeito se constitui a partir da articulação dos elementos essenciais do ser falante que estão presentes na linguagem. É esse Sujeito - entendido como o que se define por um ato de afirmação dado pelo Outro⁴ - que Lacan diferencia do Eu, este entendido como a sensação de um corpo unificado e, na teoria do estágio do espelho (a qual veremos no próximo capítulo), produzido desde a imagem do “outro”, seu semelhante.

Diferenciando o Sujeito do Eu, o primeiro decorre do Outro (maiúsculo), que é referência à linguagem e efeito da ordem simbólica. Por isso o Sujeito é conseqüência do significante⁵ e está regido pelas leis do simbólico. O sujeito emerge nessa relação com o Outro, que, mais do que um semelhante, é tesouro dos significantes, responsável pela função de reconhecimento, porque porta a palavra.

⁴ Termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Ele situou a questão da alteridade, isto é, da relação do homem com o meio, com o seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação inconsciente. Cunhou uma terminologia específica (Outro/outro) para distinguir o que é do lugar terceiro, isto é, da determinação pelo inconsciente freudiano (Outro), do que é do campo da pura dualidade (outro) no sentido da psicologia.

⁵ Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913) no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo lingüístico que remete à representação psíquica do som (ou linguagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 708)

Assim, o estado de sujeito depende do que se desenrola no Outro. Nesse campo do Outro, o sujeito encontra os objetos do desejo do Outro desde as origens. Ele repousa no efeito da demanda do Outro, que é quem decide. Assim, o lugar do desejo está na dependência da demanda do Outro, no qual repousa o signo, que, por sua vez, representa alguma coisa para alguém.

Lacan sustenta que o desejo do Outro é correlativo do interesse por um objeto ao qual se aprendeu a dar toda importância - o falo, objeto privilegiado no campo do Outro. Como significante, o falo constitui o centro de toda a apreensão daquilo que se trata no complexo de castração e desempenha uma função equivalente na relação com o objeto. É na proporção de uma certa renúncia ao falo que o sujeito entra na posse da pluralidade dos objetos que caracterizam o mundo humano. Portanto, falar de objeto implica supor um sujeito que com aquele se relaciona, desejando-o, necessitando ou dele dependendo. Por isso há, pelo menos, três objetos a distinguir: de desejo, de necessidade e objeto de dependência. O que há de comum, de devastador e de distinto neles?

Se o termo “sujeito”, como afirmamos anteriormente, não é freudiano, o termo “objeto” foi caro a Freud, de quem partiremos para discutir tal noção sob o ângulo da psicanálise. Do mesmo modo que “sujeito” em psicanálise não se confunde com o eu, com o indivíduo ou o pessoal, pois se reporta a um ser falante, desejante, o estatuto de objeto também não se confunde com o objeto tratado pela ciência.

1.1 A noção de objeto em Freud

Do ponto de vista etimológico, objeto⁶ provém do latim *objectum*, que significa, além de “coisa”, “matéria”, “objetivo”, também “objeção”. Para a psicanálise, segundo Chemama (1995), objeto é:

Aquilo que orienta a existência do ser humano, enquanto sujeito desejante. Nos escritos de Freud, a palavra *Objekt* deve ser sempre entendida como um determinante explícito ou implícito: objeto da pulsão, objeto de amor, objeto com o qual se identifica. Em oposição a *Objekt*, a coisa (al: *das Ding*) surge como objeto absoluto, objeto perdido de uma satisfação mítica. (CHEMAMA, 1995, p. 151).

No que se refere à conceituação do termo “objeto”, indaga Melman:

O que é objeto? Quando leio a palavra objeto, pergunto: o que é um objeto? Como podemos definir objeto? Será que temos um início de sugestões sobre o que seria objeto? Fala-se de objeto o tempo todo, mas o que ele seria? [...]

⁶ Do alemão, *objekt*, *gegenstand*, *ding*; do francês, *objet*; do Inglês, *object*.

Temos sempre a tendência para emprestar aos objetos uma subjetividade e muita dificuldade em pensá-los como desprovidos de alma. Pouco importa a razão, não é isso que nos interessa, senão que, no fantasma, o objeto é precisamente o que renunciou a toda subjetividade. A manutenção da subjetividade constitui um limite à consumação do gozo. Pois bem, no fantasma, o objeto é o que renunciou a toda subjetividade e, portanto, a todo limite colocado ao gozo. É o que explica a popularidade do fantasma sádico: tratar o parceiro, ou ser tratado como um objeto, não como um sujeito. (MELMAN, 2002, p. 19).

Em Freud, a noção de objeto está ligada à de pulsão e ao trabalho de representação cujo registro tópico é, para ele, representação do objeto. Há, na teoria freudiana, um lugar determinante do objeto uma vez que este é aquilo por meio do qual a pulsão atinge o alvo, ou seja, pelo qual o sujeito busca satisfazer-se. O autor insiste em que, para o homem, todas as formas de encontrar o objeto, ou seja, toda a busca por ele seria um “reencontro” de uma satisfação perdida, pois se trata de um objeto perdido, a ser reencontrado. Assim, ele se apresenta sempre relacionado a algo que se perdeu e que se busca reaver. Daí se constitui sempre no objeto redescoberto, tomado ele próprio numa busca, que se opõe, da maneira mais categórica, à noção do sujeito autônomo, no qual desemboca a idéia do objeto acabado.

Não se trata, em absoluto, do objeto considerado na teoria moderna, como o plenamente satisfatório, o típico, o objeto por excelência, o harmonioso, o que funda o homem numa realidade adequada, na realidade que prova a maturidade. Surpreende-nos ver que, no momento da elaboração da teoria da evolução pulsional, tal como se origina das primeiras experiências analíticas, Freud nos indica que se apreende o objeto por via de uma busca do objeto perdido. Este, que corresponde a um estágio avançado da maturação das pulsões, é aquele

reencontrado: trata-se do primeiro desmame, aquilo que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança.

Uma nostalgia, através da qual se exerce todo o esforço da busca, liga o sujeito ao objeto perdido. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto e não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz o objeto procurado jamais equivaler ao encontrado. Faz-se a busca com base em uma satisfação passada e ultrapassada, o que gera o desencontro do objeto procurado com o apreendido. Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto.

O paradoxo existe quando o sujeito busca um objeto que o satisfaça, baseado numa satisfação passada, pois o encontrado só gera insatisfação, nunca equivale ao que se procura.

Freud, desde as primeiras descrições sistematizadoras da noção pulsional, não configura a relação entre finalidade e objeto como uma objetivação da vida amorosa. “A sua definição de objeto faz deste, um meio, aquilo em que e pelo que a finalidade é atingida”. (FREUD, 1914). Então, tem-se finalidade e objeto: dois termos, dois elementos, entre os quatro definidores de uma pulsão, em estreita relação - o primeiro encontra a sua explicitação pelo segundo.

Tal objeto, observa Freud, é contingente e visto sob o ângulo de sua variabilidade. Ele ocupa um lugar que não exclui, no entanto, uma propriedade essencial à compreensão de seu estatuto: em sua individualidade, ele é o mais variável elemento da pulsão, mas, fundamentalmente, marcado em sua função por

“traços” que lhe conferem, propriamente, uma condição de “objetividade”. Diferente, assim, do objeto da necessidade, do objeto invariável da pulsão, ele se especifica apenas por esses “traços” que o tornam ordenável ao ciclo de uma pulsão e apto a promover a ação satisfatória.

Segundo Laplanche, a noção de objeto é encarada pela psicanálise sob três aspectos:

Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e porque esta procura atingir a sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico;

Enquanto correlativo do amor (ou do ódio), trata-se então da relação da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto visado também como totalidade;

E no sentido tradicional da filosofia e da psicologia do conhecimento, *enquanto correlativo do sujeito* que percebe e conhece, é aquilo que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecíveis de direito pela universalidades dos sujeitos, independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos. (LAPLANCHE; PONTALLIS, 1999, p. 323).

O termo “objeto” está presente em várias expressões consagradas pelo uso no vocabulário da Psicanálise: escolha do objeto, objeto da pulsão, perda do objeto, objeto *a* (este último, uma criação de Lacan) etc. E aqui privilegiamos três já anteriormente indicados: objeto de desejo, de necessidade e objeto de dependência.

Destacando-o como “aquilo pelo qual a finalidade é atingida”, posteriormente poder-se-á fazer articulações entre a relação de dependência

patológica – passível de se desenvolver - entre sujeito e objeto, não importando o objeto, e sim o lugar que ele venha a ocupar. Acrescente-se também que o sujeito pode, ao longo da vida, “eleger” ou “escolher” objeto que ele vai “substituindo”, porém o que este representa e o lugar a ocupar têm significados semelhantes.

Na realidade, trata-se de substituto do “objeto primeiro”. Se houve comprometimento na relação primária da vida do sujeito, essa forma de relação é introjetada e servirá de modelo de vínculo com os objetos ao longo da vida. Ressalte-se que, muitas vezes, esses “modelos comprometidos”, posteriormente, talvez sirvam para o estabelecimento ou a formação de vínculos patológicos entre sujeito e objeto. Ratificando tal idéia, vamos encontrar, numa passagem do texto de Carlos Augusto Nicéias, o seguinte:

Que em cada um dos objetos que serão ofertados ao sujeito na cena do real, ele visará em suas ‘escolhas’, apenas os ‘traços’ indestrutíveis, as marcas de uma primeira experiência de satisfação, representação mítica de uma simultaneidade entre realização de desejo e apaziguamento da tensão interna gerada pela necessidade. A partir daí, nos ensina Freud, do encontro com os objetos futuros ele dirá que ‘*encontrar o objeto é re-encontrá-lo*’. Assim, em seu estatuto de substituto, o objeto tem o seu papel limitado a ser ‘um significante do objeto visado’. (NICÉIAS, 1984, p. 54).

Em os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), ao afirmar Freud a variabilidade do objeto da pulsão e ao se perceber um abismo intransponível entre uma concepção psicanalítica do homem e uma concepção biológica, introduziu-se a distinção entre *pulsão* e *instinto*. Contrariamente ao *objeto da necessidade* ou do

instinto, objeto predeterminado que desencadeia uma ação específica, o *da pulsão* caracteriza-se essencialmente por ser variável, rompe com os limites e a rigidez do pensamento biologizante. E Carlos Augusto NICÉIAS acrescenta:

É como objeto da pulsão sexual que se perpassa a noção psicanalítica do objeto, nas linhas iniciais do primeiro ensaio freudiano sobre a sexualidade[...] Freud, de suas primeiras descrições à sistematização da noção de pulsão em um de seus textos metapsicológicos posteriores, não configura a relação entre finalidade e objeto como uma objetivação da vida amorosa. A sua definição de objeto faz deste , *um meio 'aquilo em que a finalidade é atingida'*. (NICÉIAS, 1984, p. 49).

O luto pelo objeto primordial instaura, pois, uma nova ordem subjetiva: a partir daí, o sujeito sempre vai “eleger” objetos que apresentem “traços” do objeto primeiro.

A noção subjacente a toda questão do tema proposto é de que a escolha do objeto nos parece, por vezes, pretender o retorno ao reino perdido das necessidades. É preciso investir no outro enquanto aquele será um complemento narcísico, que possibilitará o retorno à desejável satisfação original. Mas, aqui, apresentam-se dois empecilhos: em primeiro lugar, trata-se de uma escolha, de modo que o objeto está longe de ser necessário – foi eleito dentro de um mundo de outros possíveis; em segundo lugar, tal objeto já é efetivamente outro, e não deixa de dar mostras dessa alteridade, destruindo gradativamente a ilusão de complementaridade narcísica, o que, via de regra, conduz à busca de novos objetos.

No tocante à escolha de objeto, em 1914, Freud distinguiu dois tipos de escolha do objeto amoroso:⁷ a *escolha narcísica* e a *escolha anaclítica* ou de apoio. Então, possui o sujeito dois objetos imaginários: ele mesmo e a mulher que o criou (ou o pai que o protege).

Freud definiu a escolha objetal anaclítica como:

Ama-se segundo o modelo de amor recebido na relação com as figuras parentais, aquela que alimenta, aquele que protege. O amor objetal do tipo anaclítico é o modo de amar tipicamente masculino (embora afirme que também pode ser encontrado em algumas mulheres). Decorre dele a supervalorização sexual do objeto que nos casos de apaixonamento atinge seu mais alto grau. Nesses casos, o sujeito abriu mão do seu próprio narcisismo, ocorreu um empobrecimento da libido dirigida ao ego, em favor do objeto amoroso. O objeto é idealizado pelo sujeito, é-lhe atribuída uma perfeição que só pode equivaler ao ego ideal. O amado toma o lugar do ego ideal e nessa dinâmica se restabelece uma situação narcísica essencialmente primitiva – em que o eu era modelo da perfeição – só que desta vez quem ocupa esse lugar é o outro idealizado. (FREUD, 1975).

O termo “anaclítico” designa a relação entre pulsão sexual e a de autoconservação. No início da vida da criança, a pulsão sexual se realiza apoiada na pulsão de autoconservação, que se satisfaz graças a um objeto específico – o leite, por exemplo – e visa à satisfação das funções somáticas vitais. Já a pulsão sexual tem como objeto o seio materno: causa de desejo e visa à satisfação das funções sexuais.

⁷ Laplanche e Pontalis afirmam que, quando Freud introduziu a expressão ‘escolha de objeto’, a partir de 1905, o termo objeto “deve ser tomado no sentido de objeto de amor”. (LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B, 1999, p. 213).

O *amor anaclítico* leva a marca de uma dependência primitiva com a mãe. O objeto de *amor narcísico*, modelado sobre a imagem narcísica do sujeito, mostra sua raiz na relação especular com o outro.

No tocante à escolha narcísica, o investimento libidinal se dirige para aquele objeto que reflete, especularmente, a própria imagem. O sujeito ama o que ele é, o que ele foi, o que gostaria de ser ou alguém que foi parte de sua própria pessoa (o filho, por exemplo); enfim, investe a libido narcísica em si mesmo, amando os objetos que sustentam a imagem narcísica. Já na escolha anaclítica, ele investe a libido narcísica no objeto, amando os idealizados.

Talvez toda a questão da satisfação narcísica na relação narcísica e na anaclítica esteja em torno do grau de independência ou de alienação relacionada ao investimento que retorna do outro em direção ao eu. Toda essa questão é determinada pelos fatores intensidade e fixação: tanto menos alienado será aquele que estiver menos dependente do desejo do outro. O aprisionamento nessa relação gera um problema que pode levar o eu às últimas conseqüências, tornar-se o suposto ideal aos olhos dos outros.

Logo, a necessidade de ser amado e desejado pelo outro é uma fonte incessante na vida de cada um de nós e diz respeito a uma relação narcísica primordial que permeia as relações com os objetos, tanto na escolha narcísica como na anaclítica. Por outro lado, se há uma dimensão narcisista no desejar o amor dos objetos, no sentido de colocar o eu⁸ no lugar daquele que é amado, há também reconhecimento de que o outro tem algo de valioso, desejável pelo eu. Admitir que o eu não é completo significa abrir mão de parte do narcisismo para

⁸ Aqui, usado no sentido freudiano do termo.

aceitar a incompletude. Assim, demandar amor, investimento do outro é investir nesse outro que se deseja, porque não se tem.

Freud dirá que ambos os modelos de escolha - narcísico e anaclítico - estão abertos a todos os indivíduos. Cada sujeito terá originalmente dois objetos de amor: o próprio eu e a mulher que cuidou dele. Essas primeiras relações objetais - quer narcísicas, quer anaclíticas - são matrizes das futuras relações amorosas, concepção que podemos estender a todas as relações entre sujeito e objeto.

A relação de dependência se estabelece à medida que, identificando-se ao outro, ao parceiro objetal, o sujeito sabe que este lhe é indispensável, somente ele lhe satisfaz. Ademais o sujeito sabe que ele é o único depositário do objeto do desejo da mãe. Assim, em função dessa dupla realização da posição edipiana, o sujeito está numa posição qualificável como ótima em relação ao objeto reencontrado, sucessor do objeto materno primitivo, pois ele se torna o objeto indispensável e se sabe indispensável. Uma parte da vida erótica dos sujeitos vinculada a essa vertente libidinal anaclítica está inteiramente condicionada pela necessidade, experimentada e assumida, do outro – como mulher que materna - pois esta tem necessidade de fazer do filho seu objeto fálico. Eis o que faz a essência da relação anaclítica por oposição à relação narcísica.

Na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud faz corresponder a satisfação da necessidade à realização de uma ação específica, ao passo que a realização do desejo está vinculada à identidade perceptiva, podendo ocorrer pela via da alucinação. Nesse caso, está em jogo a própria complementaridade sujeito-objeto quanto ao desejo humano. O objeto não deixa de ser necessário, mas admite uma tal variabilidade que pode ser, inclusive, um objeto alucinado. O sujeito não se

liberta do objeto, mas torna-se mais livre, uma vez que este o constitui e sua existência está condicionada à escolha do sujeito, a qual, inclusive, talvez contrarie os modelos de adaptação biológica do homem ao seu ambiente.

A experiência de satisfação - o centro da construção dos conceitos de traço e de desejo inconsciente - resulta da associação do traço da necessidade com o traço correspondente à percepção do objeto que satisfaz essa necessidade. Tanto o objeto quanto a satisfação estão marcados pela falta. Não há objeto capaz de satisfazer o desejo. E a falta originária o objeto perpetua a busca eterna para satisfação do desejo inconsciente. Porém o sujeito vai constantemente buscá-lo, porque, para ele, supostamente, completará essa falta, satisfará seu desejo. Muitas vezes, a falta de tal objeto, que é a possibilidade de satisfação do sujeito, é sentida como uma forma de luto.

Freud, em *Luto e Melancolia* (1917[1915]), afirma que o luto é sempre pela pessoa amada, e a pessoa amada é, nesse caso, a imagem amada e perdida do próprio sujeito. Posteriormente, em *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1925), declara que o sujeito ama um traço do objeto perdido - esse traço não é outra coisa, senão a própria pessoa. Tal noção vai ser sublinhada por Lacan para formular o estatuto do objeto "a", uma construção importante para indicar que esse objeto irremediavelmente se torna causa do desejo. Vejamos, então, o estatuto do objeto segundo Lacan.

1.2 O estatuto do objeto para Lacan

Até o momento, discutimos a noção de objeto segundo Freud, sustentada na teoria das pulsões, na qual o objeto é o alvo da pulsão, o que existe de mais variável e está estreitamente relacionado ao objetivo da pulsão, cuja tendência é alcançar a satisfação, ou melhor, o apaziguamento do desprazer.

Lacan, mesmo reconhecendo a riqueza da obra freudiana em discussões sobre a escolha do objeto, observa que “a própria noção de relação de objeto não é ali em absoluto enfatizada, nem cultivada, nem posta de saída na premissa”. (LACAN, 1995[1956-57], p. 60).

Observamos de saída que esse autor realça a relação, razão pela qual sentimos necessidade de anteriormente apresentar a noção de sujeito, pois, quando se fala de relação, implicam-se sujeito e objeto. Então, a partir de agora, vamos retomar a noção de pulsão interpretada por Lacan, para discorrer sobre as noções de objeto.

De início, tomaremos a releitura que Sandra Dias faz de Lacan sobre a teoria das pulsões em Freud. Segundo ela, enfatiza-se que a pulsão se constrói num contínuo movimento. Ela é ativa. Diante do movimento pulsional e da escolha do objeto, há um momento onde o sujeito se faz “ele mesmo” objeto de um outro, isto é, a quem o *Ich* (Eu) virá se assujeitar – fazer-se objeto é o momento do nascimento do sujeito. Isso nos remete a uma subjetivação do objeto, na qual o sujeito se faz ele mesmo objeto de um outro - é o tempo da inscrição da pulsão

sexual em relação a um objeto, nomeado por Lacan como o tempo de “se fazer ser”, o que enfatiza o caráter ativo e a vocação da pulsão para fazer ser. (DIAS, 1998, p. 29). Então, é em torno dessa característica - “fazer ser” da pulsão - que será construído o objeto *a*, momento inaugural do sujeito onde ele se divide, separa-se do Outro.

Lacan introduziu, pela primeira vez, o objeto (pequeno) *a* na sessão de 1º de fevereiro de 1961, de seu seminário sobre a transferência, parcialmente dedicado a um comentário sobre o Banquete de Platão. Sabemos que esse grande diálogo sobre o amor gira em torno da questão do *Agalma*, definido por Platão como o paradigma de um objeto que representa a idéia do Bem. Assim, Lacan definiu o *Agalma* como o bom objeto kleiniano, que ele reconverte prontamente no objeto (pequeno) *a*: objeto de desejo que se esquia e, ao mesmo tempo, remete à própria causa do desejo. Em outras palavras, a verdade do desejo permanece oculta para a consciência, porque seu objeto é uma ‘falta-a-ser’. Em março de 1965, Lacan resumiu tal proposição num aforismo deslumbrante: “O Amor é dar algo que não se tem a alguém que não o quer”.

O primeiro objeto perdido – o seio – é substituído pelo corpo inteiro do sujeito, que toma, então, o estatuto de objeto perdido. Já vimos que essa noção está presente em Luto e Melancolia, de Freud. O objeto, agora, se constitui como exterioridade em oposição ao sujeito, o qual, a partir daí, passa a ter um corpo não a serviço do Outro, do erotismo do Outro, mas a seu próprio serviço sexual, a um heteroerotismo. Do corpo totalmente entregue ao capricho do Outro ele se apossa e passa a ter um próprio, não mais devotado ao sacrifício.

Uma relação entre o objeto *a* e o objeto perdido pode ocorrer quando o sujeito homologa a perda do objeto pela formação de um fantasma que nada mais é do que a representação imaginária do objeto supostamente perdido, pois trata-se de um corte simbólico, que separa o sujeito desse objeto. Tal corte é, simultaneamente, constitutivo do desejo, como falta, e do fantasma, que irá suceder ao isolamento do objeto perdido. A busca do sujeito, na perseguição daquilo que o satisfaz, tem, então, como ponto de apoio, uma falta e um fantasma, o qual, de alguma forma, faz tela para essa falta. A busca do sujeito cerca um objeto que parece inatingível e constitui a pulsão. A existência do sujeito desejante, em relação ao objeto de seu fantasma, é uma ascensão que procede da inscrição da falta no desejo da mãe, pois cabe primeiramente a ela, e depois ao pai, inscrever para o filho essa falta, que é própria da linguagem. A linguagem e o corte, dos quais ele é o portador, são percebidos pelo sujeito como Outros, que carregam consigo a falta. Por tal razão, Lacan disse que o desejo do sujeito é o desejo do Outro. A esse objeto, suporte do fantasma e causa do desejo, Lacan chamou de objeto *a*.

O mesmo autor, devolvendo à teoria psicanalítica a noção central de desejo, presente na descoberta freudiana, revelou três posições fundamentais do objeto: quanto à necessidade, quanto ao desejo e quanto à demanda de amor. No primeiro caso, é específico e satisfatório; no segundo, irreduzível a uma relação com o objeto real, independente do sujeito; no terceiro caso, o objeto é essencial para sua vida.

Rabinovich (2004, p. 23) discute as três posições, considerando três tipos de perdas ou três tempos de perda do objeto: primeiro, perda como objeto da

necessidade, ou seja, a passagem da satisfação da necessidade à realização do desejo; segundo, perda do objeto como real, na medida em que se efetua a sua incorporação, inaugurando o auto-erotismo; e, por fim, perda do objeto eleito, ou seja, do objeto de amor.

A cada uma das perdas corresponde uma noção de objeto: a primeira diz respeito ao objeto do *desejo*; a segunda, ao da *pulsão* e, por último, ao objeto de *amor*. Mas, só a partir do momento em que a primeira dessas perdas se efetua, os demais objetos poderão constituir-se. Os de amor e da pulsão se revelam já como substitutos para o objeto perdido do desejo.

Para Lacan, a relação com o outro perpassa pela questão do desejo, pois o desejo do homem seria o desejo de se fazer reconhecer pelo desejo do Outro. O sujeito é invadido por esse Outro pelo qual pode identificar-se imaginariamente. Ele se reconhece a partir da relação especular: 'eu sou o que o Outro vê de mim'. O eu resulta do efeito exercido por um outro, por quem o sujeito deseja ser reconhecido e amado, ou seja, a criança só pode constituir-se como tal, porque é investida e desejada.

Daí, supõe-se que o sujeito nada sabe sobre aquilo que quer, sem estar referido ao Outro. Através desse Outro, o desejo do sujeito se revela. Ele é, em primeiro lugar, um objeto afetado pelo desejo, é determinado pelo Outro. Por isso, a experiência da formação do eu é regida e elaborada a partir do simbólico, à medida que a mãe é elevada à posição de Outro para a criança. A mãe assujeita a criança a seus próprios significantes, pois interpreta o que vem da criança como demanda, oferecendo-lhe vários objetos que, para ela, podem satisfazê-la. Essa relação entre mãe e criança coloca esta numa situação de se fazer objeto de algo

que ela supõe faltar à mãe. Tal objeto, que se supõe preencher a falta do outro, é o falo. Assim, pode-se dizer que a criança quer constituir-se como falo materno.

Para Lacan, o ser existe em função da falta, pois é em função desta e na experiência do desejo que ele chega a um sentimento de si mesmo. Veja-se a definição encontrada por Lacan (1987[1954-55]): "o desejo é uma relação de ser com falta". (LACAN, 1987, p. 280). O sujeito não é a causa, mas sim o efeito daquilo ou daquele que opera para constituí-lo; é um corpo sujeitado ao significante, afetado pelo desejo do outro.

O acento que Lacan dá ao desejo na teoria sobre relação de objeto é comentado por Kaufmann, que observa o seguinte:

Na cultura psicanalítica, literária e filosófica de língua francesa, o termo *désir* (desejo) designa o campo de existência do sujeito humano sexuado, em oposição a toda abordagem teórica do humano que se limitaria ao biológico, aos comportamentos ou aos sistemas de relação. [...] No entanto, a noção de desejo, genérica e no singular, nem sempre balizou com tanta evidência a rede significante da sexualidade humana. "(KAUFMANN, 1996, p. 116).

O objeto "a" é um artifício inventado por Lacan para contornar a rocha do impossível, assim, vem no lugar de uma não-resposta. Segundo Nasio(1996), trata-se de uma criação lacaniana para responder à seguinte pergunta: "Quem é o Outro amado e desaparecido por quem fazemos o luto?" Aqui, no lugar da não-resposta,

surge o objeto *a*. Em vez de procurar a causa que anima o desejo, pode-se representá-la pela letra *a* – primeira letra da palavra *autre*, em francês, que quer dizer “Outro”, o outro como objeto desaparecido, perdido. E acrescenta Nasio:

O objeto *a*, “nasce da impossibilidade para a psicanálise, de responder exatamente a esta questão sobre o gozo. Nós temos um nome para a falta de resposta, ou melhor, nós temos o *a* no lugar de um gozo. Nós temos um nome para a falta de resposta, ou melhor, nós temos o *a* no lugar de um gozo impossível que a psicanálise tem por um real, o real entendido como o que está fora do simbólico. (Apud DIAS, 1998, p. 20).

Em outras palavras, por ocasião da castração, o objeto do qual o sujeito se separa é para sempre perdido, sem possibilidade de articular-se como significante. Assim, o objeto *a* vem fazer semblante desse objeto – lugar de não-resposta. Nessa perspectiva, os objetos perdidos, ou seja, as partes do corpo – placenta, seio, olhar, voz etc. – assumem o valor de falo imaginário.

A entrada do significante separa algo do corpo: o gozo, um impossível. Nesse sentido, o objeto *a* é o nome do gozo do Outro, do sexo como inominável, do que é fora do significante. O objeto *a* como nome do inominável não se confunde com o real, mas também não é o significante.

Para definir o objeto, Lacan utilizou o conceito de estrutura, pois pretendia situar a relação entre os elementos e evitar a noção substancialista de objeto. O modelo de estrutura é quaternário e se caracteriza pela falta de centro. Os quatro

lugares na estrutura correspondem aos resultantes da entrada do significante, que constitui o lugar de vazio: são o lugar do objeto, o lugar do ideal, o lugar do Outro e o lugar do Isso – este, lugar original do sujeito. O citado autor introduziu o termo objeto *a*,

Designando o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser” , ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes, objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo. (*Apud* ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 551).

A estrutura antecede à constituição do sujeito e, só a partir do significante, pode-se conceber o campo do sujeito e do Outro, de cuja relação se constituirá o objeto *a*. Este é um resultado operatório, tese já colocada implicitamente por Freud no jogo do *Fort-da*⁹, onde o objeto não é nem a mãe, nem a criança – o objeto perdido está entre os dois. Ao mostrar que se trata de uma relação lógica a que estabelece entre os dois elementos, Lacan avançou no campo psicanalítico no tocante à relação sujeito e objeto. Logo, não se pode perder de vista - isso é mais importante que as noções de ambos - a *relação* entre eles.

⁹ O *Fort-da* é uma substituição significativa: o carretel, uma metáfora da mãe, e a atividade lúdica demonstram que a criança passa de uma posição passiva, assujeitada, para uma posição ativa. A criança inverte a situação, agora ela é que abandona a mãe simbolicamente, tornando-se mestre da ausência por causa da identificação; não é mais o único e exclusivo objeto do desejo da mãe, o objeto que preenche a falta do Outro, o falo; mobiliza, então, seu desejo como desejo de sujeito, dirigindo-se para objetos substitutos do objeto perdido, tendo acesso ao simbólico através da *metáfora paterna* sustentada pelo *recalque originário*.

Desde a concepção até o nascimento, o sujeito está numa relação simbiótica com a mãe, estado em que se encontram todas as potencialidades do seu 'vir a ser' e que representa também um ser que pede para ser reconhecido e amado. Então, tem-se o sujeito lançado ao mundo, onde, no primeiro momento, é inserido numa situação de desamparo constituinte. Sua primeira relação é de dependência, na qual precisa do Outro para sobreviver; por si só não é suficiente, só existe por intermédio do Outro. Além da dependência natural, ocorre um período durante o qual ela é superada e o sujeito se constitui como desejante. A tendência do desenvolvimento afetivo é a passagem do estado de indiferenciação ao registro da diferenciação. O sujeito (bebê) evolui de uma dependência absoluta¹⁰ em direção a uma dependência relativa, depois para a autonomia.

Esse grau de investimento narcísico encontra correspondência no estado de paixão, em que o outro adentra o espaço do sujeito de um modo igualmente invasor e totalizante. Mas a paixão parece ser inteiramente função do tempo de duração da ilusão de complementaridade – aos poucos, o objeto perfeito começa inadequar-se a essa construção imaginária e não se sustentará por muito tempo. A derrocada final corresponde, invariavelmente, à raiva em relação a esse objeto, que, afinal de contas, pôde ser, de tal forma, indigno de amor.

Na busca de plenitude, o sujeito vai vinculando-se a objetos e estabelecendo suas formas de se relacionar com eles. Assim, em qualquer situação de relação, o sujeito atravessa um momento de fascinação em que é seduzido e o destino lhe parece acenar, responder-lhe. Esse é o traço comum que permite identificar como

¹⁰ Termo utilizado por Winnicott, segundo o qual, do ponto de vista do bebê, não existe, durante a fase da dependência absoluta, uma distinção entre o eu e o não-eu.

paixão uma série de fenômenos: o enamoramento, a crença num Deus, o encontro profundo, a excitação súbita, mas também a aposta de um jogador, a excessiva dedicação ao trabalho, a obstinação de um colecionador etc. Segundo Kaufmann, o objeto da paixão

pode ser único ou variável, encantador ou atemorizante, encontrado fortuitamente ou obstinadamente procurado, amorosamente idealizado ou raivosamente rejeitado. Resta que o móbil depende da identificação do que poderia preencher a falta ou garantir a existência do desejo do Outro. Assim, a paixão é busca de certeza, o que não impede que ela possa resultar de uma recusa de saber concernente à falha subjetiva que essa necessidade encobre. (KAUFMANN, 1996, p. 390).

A paixão não é mortífera, quando não procede de um fascínio em que o sujeito se entrega a uma figura do destino que o condena ao trágico. A partir disso, a análise pode ser, em vez de anulação das paixões, sua pacificação, uma vez que permite elucidar o que é do domínio do impasse repetitivo e o que abre novas possibilidades de realização. O patológico está quando o objeto da paixão ocupa um lugar onde o sujeito, sem aquele, não vive, pois, como Freud enuncia em A Questão da Análise Leiga,

Decidir quando é mais oportuno dominar as próprias paixões e curvar-se à realidade ou, ao contrário, aceitá-las e preparar-se para defendê-las contra o mundo externo constitui o alfa e o ômega da experiência da vida. (FREUD, 1926).

Para efeito deste trabalho, utilizaremos a expressão “objeto-droga” não no seu sentido estrito, relativo ao uso de algum tipo de droga, e sim no sentido metafórico a que a palavra “droga” nos conduz e suas implicações no psiquismo do sujeito. Droga pode ser tanto as substâncias químicas que acarretam dependências físicas como qualquer objeto que deixa o sujeito “intoxicado”, dependente, viciado. A clínica da toxicomania permite diferenciar duas vertentes no gozo do "dito" toxicômano: de um lado, ele se oferece como objeto para o gozo do Outro, a fim de completar a falta que aparece como insuportável - ele se faz o produto do gozo do Outro -; por outro lado, ele usa a droga como aquilo que o faz subtrair-se ao gozo do Outro - não goza da droga, mas do fato de desligar-se do gozo do Outro.

Observa-se na clínica que o "toxicômano" se empenha em evitar a castração e a ordem fálica, que orienta o desejo. Nesse sentido, Melmam afirma:

A droga torna-se objeto de necessidade: a satisfação não aceita nem prazos, nem substituição de objetos. A falta-a-ser não parece provocada por um objeto não nomeável e irrecuperável, mas por um artifício, que, sob o invólucro do objeto da demanda, mascara o sujeito do desejo. [...] A dependência faz parte da constituição do sujeito e cada um se encontra, com efeito, em estado de adição em relação à instância subjetiva que representa o falo, cuja falta provoca angústia quando é ocasional e psicose quando é definitiva. A angústia em relação à falta é muito próxima daquela do toxicômano em estado de falta e pode servir, como a dele, para alimentar um gozo. (MELMAM, 1992).

Então, entendem-se por objetos de dependência quaisquer objetos – tanto na paixão amorosa como na droga -, independente de quais adquiram

características de algo impossível de deixar de existir na vida do sujeito, ou seja, eles passam a ocupar um lugar de algo de extrema necessidade na vida do sujeito. Aí reside a similaridade entre os dois tipos de objeto.

Na verdade, o sujeito almeja uma relação de complementaridade com o objeto. Nesse sentido, se se disser que este não seja da ordem da paixão, poder-se-á afirmar ser ele o verdadeiro objeto de amor, no sentido de uma construção imaginária a encobrir um vazio estrutural que visa a suprir uma relação impossível. Esse “mal-entendido” – podemos dizer - opera no vínculo patológico quando o sujeito tenta tomar um outro pelo objeto a, que viria satisfazer o gozo, fazendo uma unidade com o próprio sujeito, ocupando um lugar onde satisfizesse sua falta estruturante. Na relação de dependência, o objeto ocupante do lugar de objeto a é puxado, irremediavelmente, para o sujeito, que, sem possibilidade de escolha, demanda sempre mais.

Tal relação impossível se deve ao fato de que o sujeito jamais conseguirá ocupar o vazio provocado pela falta originária. Então, vai, ao longo de sua vida, “escolhendo” objetos a fim de preencher essa falta e os “descartando” à medida que “percebe” serem eles incapazes de preenchê-la. Assim, o sujeito também vivencia um sentimento de luto em relação aos objetos dos quais depende.

Está em jogo, no caso do “objeto de dependência”, uma relação particular com a falta, contra a qual o sujeito, numa relação de dependência, se vê, todo o tempo em face da questão da castração, lutando incessantemente, numa tentativa infrutífera de preencher, com o objeto eleito, um vazio inaugural. Tudo se passa

como se ele pretendesse tomar esse *vazio*, caracterizado precisamente por sua indeterminação, como uma *falta* para a qual haveria um objeto correspondente, passível de preenchê-la.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA E A QUESTÃO DO VÍNCULO PATOLÓGICO

Até o momento, expusemos as noções de sujeito e objeto, objeto de desejo, necessidade e dependência, bem como a noção de escolha de objeto em Freud e em Lacan, a fim de fornecer as bases para a discussão sobre relação de dependência e vínculo patológico. Evidentemente, não podíamos entrar nessa questão sem antes refletir sobre os elementos implicados em tal dinâmica. Mas, uma vez esclarecido nosso entendimento acerca de sujeito e objeto e distinguidos os tipos de objetos-alvo de investimentos, passemos ao que nos mobilizou a refletir sobre a relação sujeito e objeto vivida sob a forma de vínculo patológico.

Um primeiro olhar a respeito do sujeito na contemporaneidade mostra que ele está tornando-se mais indiferente ao outro quanto a afetos; relaciona-se de uma maneira menos interativa, sem investimentos afetivos intensos; conduz-se, portanto, a uma existência sem compromissos.

Nas relações interpessoais, a disponibilidade de dialogar cede espaço à imagem, pois há mais troca de imagens que de pensamentos, emoções e palavras. Alguns autores, como Lúcia Fuks e Elaine Costa, falam de um “neonarcisismo” como característica de uma cultura que vive o culto do corpo cuidado, uniformizado num mesmo padrão de beleza. A prevalência de aparência, em detrimento de

qualquer profundidade, faz o pensamento apreender a superfície das coisas sem chegar a um estado de reflexão mais apurado que leve cada sujeito a implicar-se nas relações, a estabelecer vínculo e interações intersubjetivas. Nesse contexto, as relações entre sujeitos tomam uma feição utilitária e fugaz, pois, sem reflexão, sem implicação interpessoal, tudo não passa de objetos dos quais eles se utilizam, para obter algum prazer e continuar vivendo. Uma vida sem grandes investimentos, sem ideais, mais só do que compartilhada.

O narcisismo, tão fundamental para a manutenção da vida, assume uma conotação de prisão em si mesmo e uma dificuldade de interagir com o Outro. O sentido de “entorpecimento e de torpor”, presente na palavra grega *narkes*, da qual deriva *narkissos*, torna-se prevalente. Importa lembrar, também, que Narciso é nome de uma flor que, embora bela, é inútil, de vida muito breve, pois estéril e venenosa.

Portanto, para compreender o contexto “neonarcísico” atual, convém uma primeira reflexão sobre o mito de narciso e narcisismo, uma vez que nele Freud se apoiou para discorrer sobre o desenvolvimento humano e indicar um tipo primitivo de relação sujeito-outro, num tempo em que o primeiro é totalmente dependente do segundo. A teoria do narcisismo serve de esteio para iniciar nossa discussão no tocante ao vínculo patológico, pois, se Narciso é símbolo central de permanência em si mesmo, seu centramento pode gerar um torpor do sujeito, que fica narcotizado¹¹ com a imagem, com a aparência.

¹¹ A palavra “narcótico” tem a mesma base etimológica da palavra “narciso”.

2.1 Narciso e narcisismo

Começamos com uma breve descrição do mito de Narciso. Elegemos, para tal, a visão apresentada em O Livro de Ouro da Mitologia Grega, de Bulfinch.

Segundo Bulfinch (2001):

Narciso era filho do Rio Céfiso (aquele que banha) e da Ninfa Liríope (macia como um lírio). Ninfas são divindades ligadas à água e assim, Narciso será filho de dois seres ligados à água. Liríope foi vítima da insaciável energia sexual de Céfiso. Teve uma gravidez penosa e indesejável. Teve um filho tão belo que ficou assustada. Narciso era o mais belo da humanidade.

Era tão belo o filho, que Liríope chegou a ficar perturbada. Então, ela vai em busca de Tirésias, um célebre sábio que tinha a capacidade da visão do futuro. Tirésias era cego. Narciso viveria muitos anos?, pergunta ela aflita. Tirésias então lhe disse: “ - Se ele não se vir...”

Quando chega à juventude, começam as paixões pelo filho de Céfiso. Todas as mulheres estavam irremediavelmente presas à beleza de Narciso. Havia uma em especial: a Ninfa Eco. Mas, Narciso a rejeitara também. Então, numa ocasião, enquanto caçava com os amigos, Narciso afasta-se deles. Cansado, Narciso procura uma fonte para saciar sua sede. Encontra a fonte de Tépsias e diante dela se curva para mitigar a sede. Ao debruçar-se sobre o espelho imaculado das águas, Narciso viu-se. Dessa forma, não pôde mais sair dali. Apaixonara-se pela própria imagem. Ali ficou e ali morreu e, mais tarde, quando procuraram-lhe o corpo, encontraram apenas um flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era o Narciso. (BULFINCH , 2001, p. 120).

O mito de Narciso, então, refere-se aos indivíduos que não conseguem ver nada e ninguém além deles mesmos e ao indivíduo tão fechado em si mesmo, que

não consegue imaginar os demais à sua volta poderem ser diferentes, pensar diferente. Dessa forma, ele vê tudo através de sua ótica e como se o mundo fosse um espelho da própria alma. Está impossibilitado de ver qualquer outra coisa exceto a si mesmo e a seus valores - completa ausência de contato com a realidade.

Há uma característica curiosa nesse mito: Liríope sabia que qualquer ninfa que ousasse passear pelas margens do rio Céfiso seria por ele estuprada; mesmo assim, ela foi. Narciso é, então, o filho do estupro. Tanto o pai como a mãe pertenciam ao mesmo reino, o das águas, o das transparências, por isso não eram complementares pela diferença, mas pares de iguais. Liríope inquietava-se com a beleza do filho e duvidava de que ele pudesse viver muito. Sabia que, de um certo modo, tamanha beleza perturbaria quem o visse.

Como a flor, Narciso é estéril, inútil e venenoso. Estéril, porque faz uma escolha errada de objeto - toma a si próprio -, assim, morre de inanição afetiva e intelectual. Perverte a lei da natureza, segundo a qual o amor deve ser dirigido ao outro. Se não há troca, inexistente alteridade, não há crescimento. Inútil, porque, se nada acrescenta, nada recebe. Não contribui para a sociedade nem para as relações. Venenoso, porque, com a esterilidade e a inutilidade, só resta a vergonha e a impotência, que geram a inveja, que é flagrante e destrutiva nos narcísicos.

O termo “narcisismo”, como assim emprega Freud, deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899, para denotar a atitude de uma pessoa que trata o próprio corpo como o de um objeto sexual é comumente tratado — contempla-o, vale dizer, afaga-o e o acaricia, até obter satisfação completa. No

campo da psicanálise, o conceito de narcisismo representa um modo particular da relação com a sexualidade.

Freud já fazia uso do conceito de narcisismo antes de introduzi-lo, em 1914, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. O termo “narcisismo” surgiu em sua obra, pela primeira vez, em 1910 (*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*), para explicar a escolha de objeto nos homossexuais. Freud afirmou que estes tomam a si mesmos como objeto sexual, já que procuram jovens parecidos com eles e a quem possam amar como suas mães os amaram. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 321).

Em *Leonardo Da Vinci e Uma Lembrança da Sua Infância* (1910), o conceito de narcisismo fundamentou um tipo de identificação: quando, diante da perda de um objeto, o ego se transforma à imagem e à semelhança daquele.

No *Caso Schreber* (1911), Freud propôs o narcisismo como uma fase da evolução intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto, um estágio normal da evolução da libido. Convém lembrar que, com o termo “libido”, Freud designa a energia sexual que parte do corpo e investe nos objetos. O sujeito começa por tomar a si mesmo, ao próprio corpo, como objeto de amor.

No entanto, somente em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), o conceito de narcisismo foi inserido no conjunto da teoria psicanalítica, do ponto de vista dos investimentos libidinais. Freud discute a possibilidade que a libido tem de reinvestir no ego, desinvestindo no objeto. Estabelece-se, então, um equilíbrio entre a “libido do ego” (investimento no ego) e “libido objetal”: quanto maior o investimento no objeto, mais se retira a libido do sujeito e vice-versa.

Nesse sentido, o narcisismo é posto não somente como uma fase evolutiva do desenvolvimento libidinal, mas também como uma “condição” do psiquismo que nenhum investimento objetal permite ultrapassar completamente.

Do ponto de vista pulsional, o narcisismo viabiliza uma primeira unificação das pulsões sexuais que se dá em torno do eu. Até então, predominava a sexualidade infantil, caracterizada pela parcialidade no funcionamento das zonas erógenas. Num estado em que as pulsões sexuais se satisfaziam de forma anárquica, independentes uma das outras, o ego agora é tomado como objeto de amor, num primeiro movimento, no sentido de unificação pulsional, em torno de uma imagem integrada. O narcisismo infantil coincide com o surgimento do ego enquanto unidade psíquica e representação do corpo.

Quando falamos de narcisismo, estamos no campo das qualidades, dos valores: bondade e maldade, inteligência e mediocridade, valentia e covardia, melhor e pior, masculino e feminino etc. Em primeiro lugar, no início da vida, quem estabelece as qualidades dos investimentos para o sujeito são os pais. Isso em razão da imaturidade das funções egóicas - instâncias ainda em formação – e da incapacidade de ele fazer juízo de valor. O outro, portanto, é que dota o sujeito de qualidades. O narcisismo, em sua dimensão primitiva, tem a ver com o momento em que são instauradas no sujeito, através do olhar de terceiros, essas qualidades que o definem para os outros e para si mesmo. Isso tudo é o fundamental do narcisismo para cada um de nós.

Freud (1914) distinguiu dois narcisismos: o primário e o secundário. No artigo em questão, definiu-o como uma forma de investimento pulsional necessária à vida subjetiva, portanto, um dado estrutural do sujeito.

Na origem, não existe unidade comparável ao Eu, o qual só se desenvolve muito progressivamente. O primeiro modo de satisfação da libido é o autoerotismo, ou seja, satisfação no próprio corpo. Esse é o tipo de satisfação que, para Freud, caracteriza o narcisismo primário, enquanto o Eu, como tal, ainda não se constituiu. Os objetos, então, investidos pelas pulsões são as próprias partes do corpo. Segundo Freud,

O objeto da pulsão que produz prazer de órgão também passa a ser objeto da atividade narcísica; isso é levado a um tal nível que o prazer narcísista pode chegar a eliminar o primeiro. As atividades das zonas erógenas podem passar a serem utilizadas independentemente do prazer ou desprazer que causem, simplesmente para satisfazer a superioridade do ego. (FREUD, 1915).

A criança ainda “colada” à mãe representa um momento de onipotência; a criança volta-se para si – ego ideal: o sujeito é o todo no qual o outro é o si mesmo.

Por meio desse investimento externo no psiquismo, instaura-se (o narcisismo primário) um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma. Na melhor das possibilidades, então, constitui-se um campo da ilusão, o da ilusão narcísica: o pequeno sujeito passa não só a ser alimentado por uma imagem, ao mesmo tempo integrada e de perfeição, mas também pode, a partir daí, definir-se, identificar-se, reconhecer-se.

Freud define a imagem perfeita de si mesmo como “eu ideal” e, à medida que ela se constitui, é cultivada e defendida como uma necessidade de satisfação

narcísica. Em última análise, trata-se de uma relação de amor com ele mesmo, a qual, daqui para frente, se transformará numa demanda de ser objeto do amor de um outro.

O ego ideal forma-se como uma referência sutil no psiquismo, uma ilusão e um modelo ao qual o eu sempre buscará “retornar”: uma posição onde estava a perfeição narcísica e onde se assenta a ilusão de ter sido amado e admirado sem restrições. Assim, o outro se inclui como objeto à medida que satisfaça às necessidades narcísicas do psiquismo.

O eu primeiro necessita ser tomado como objeto para que se constitua. Na relação primária com a mãe, deve ter havido tanto um investimento pulsional nas zonas parciais, no corpo erógeno, quanto investimento narcísico em direção ao eu da criança, futuro sujeito. Na verdade, ambos os investimentos devem coincidir: o eu do bebê e o seu corpo erógeno são simultaneamente investidos pelos pais.

O abalo dessa imagem narcísica e da ilusão em torno dela será colocado para o eu, especialmente, por meio do Édipo. O sujeito resistirá, mais ou menos, a enxergar-se fora do centro das atenções e do amor do casal parental assim como de seus substitutos. Mesmo diante de tais frustrações narcísicas, o indivíduo será convocado a satisfazer tais “necessidades” por meio de formas mais variadas.

Somente a partir da constituição de uma unidade, como o eu - de uma imagem de si mesmo -, e após esse tempo da identificação primária, é possível pensar a questão da relação com objetos e da escolha objetal.

Freud colocou em relevo a posição dos pais na constituição do narcisismo primário. Ocorre uma “reprodução” do narcisismo dos pais, que atribuem ao filho todas as perfeições e projetam nele todos os sonhos a que eles mesmos tiveram

de renunciar. Isso representa, de certa forma, uma espécie de onipotência gerada no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o remanescente dos pais.

O narcisismo secundário corresponde ao do Eu. É necessário produzir-se um retorno do investimento dos objetos e transformá-lo em investimento do Eu, para se constituir o narcisismo secundário. O filho começa a perceber que sua mãe deseja fora dele e que ele não é tudo para ela: essa é a ferida infligida ao narcisismo primário da criança. A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor, o que só pode ser feito por meio da satisfação de certas exigências - as do ideal do ego. Tal conceito designa, para Freud, as representações culturais e sociais, os imperativos éticos tais quais os pais transmitem. Isso ocorre com a entrada do pai como função mediadora da relação mãe-bebê – entrada da lei, da interdição e do simbólico.

Tal narcisismo designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais e se trata de uma estrutura permanente no sujeito. Será sempre solicitado um equilíbrio entre investimento narcísico e objetal, através do ideal do eu. A satisfação pulsional se dará também através do eu, portanto, ligada à imagem integrada de um corpo.

Para Freud, o desenvolvimento consiste em distanciar-se do narcisismo primário. O elemento mais importante que vem perturbá-lo é o complexo de castração, através do qual se opera o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica.

A evolução do ser humano o leva a descobrir o próprio corpo e a neste investir libidinalmente, como se fosse um objeto. Esse narcisismo, constitutivo e

necessário na obra freudiana, é considerado uma fase de desenvolvimento subjetivo responsável pela formação do eu, fase durante a qual há um investimento tal no eu, que nenhum objeto consegue suprir. Sobre essa base narcísica serão constituídas as instâncias ideais e as identificações.

O grau de narcisismo numa relação entre sujeito e objeto, deriva de onde o investimento recai: se o investimento incide, principalmente, sobre o eu ou sobre o objeto – o que pode variar em diferentes momentos, numa mesma relação.

Já Lacan lê os efeitos do narcisismo primário não através do Mito de Narciso, mas do Estádio do Espelho, este definido como momento crucial e dramático em que, numa estrutura lógica, a insuficiência e a angústia do corpo fragmentado são substituídas por uma imagem antecipada do corpo como uma totalidade. Ele observa que

O Estádio do Espelho é, portanto, o momento lógico onde se precipita uma imagem (Freud compara o eu a um cristal, daí a idéia de precipitação e de linhas de fratura) com a qual o sujeito se identificará (se transformará à imagem e semelhança) – precipitação que ocorre dentro de uma matriz simbólica. O eu como precipitado se constitui pela imagem do outro, que funciona como espelho, fornecendo ao sujeito uma representação do seu corpo distinta das sensações internas de sua motricidade. (LACAN, 1995, p. 176).

A imagem do semelhante, do outro, unifica a criança, por isso ela o ama, pois encontra o que lhe falta: unidade, domínio e liberdade motriz. Tal matriz simbólica, representada imaginariamente pelo desejo da mãe, é, na verdade, o desejo do Outro, ou seja, o fato de que uma mulher castrada dará ao filho o lugar

de falo. O falo – significativo privilegiado – é que dará a imagem com a qual o sujeito se identificará. Essa imagem tampona a incompletude e faz uma espécie de tela onde se crê encontrar algo para o desejo. Por tal razão, o eu implica desconhecimento, que se deve à realização do imaginário (“eu sou essa imagem”) que ocorre nessa etapa.

A criança não se projeta em uma imagem; ao contrário, ela é constituída por e pela imagem causada pelo significativo. Seguindo o processo de identificação da segunda tópica, há transmissão de identificação que se opera de fora para dentro. Lacan explica, assim, o fundamento do “eu” freudiano, subvertendo o narcisismo primário: não há um dentro fechado sobre si, mas um fora constitutivo de um dentro, uma alienação originante.

A tese do eu como instância corporal implica tomar o corpo como o resultado de um descobrimento perceptual, e não de uma realidade, percepção de uma imagem projetada na superfície. Essa superfície nada mais é do que o espelho, matriz simbólica onde se configura o desejo do Outro. Portanto, a percepção é a do desejo do Outro, que se impõe ao sujeito, revelando a existência de um lugar. A ocupação de um lugar supõe uma transformação consistente, cuja consequência é a construção da organização libidinal: há o aparecimento do primeiro objeto libidinal.

Pela visão do Outro, o sujeito tem acesso a um ideal totalizado que organiza e orienta o eu. Esse primado visual em relação aos outros sentidos permite à criança ver sua estrutura corporal: uma bela imagem que fascina e arrebatada. Mas se a bela forma restaura uma totalidade, a essa unidade deve ter precedido um corpo espedaçado. Assim, num só golpe, o sujeito apreende uma representação

unificada e uma representação parcial do corpo (corpo despedaçado). Lacan unifica os dois tempos em um só: o narcisismo e a agressividade são correlativos da formação do eu pela imagem do outro. A criança vive a experiência de uma imagem fragmentada para uma imagem unificada.

O narcisismo, segundo o qual a imagem do próprio corpo se sustenta na imagem do Outro, introduz uma tensão: o outro em sua imagem me atrai e me rejeita; eu só sou no outro e, ao mesmo tempo, em sua imagem. Ele me é estranho. Esse outro, que é o eu, é, portanto, outro que não eu mesmo. Segundo Lacan, “Em qualquer relação narcísica, o eu é, com efeito, o outro, e o outro é o eu”. (*Apud* NASIO, 1993).

A agressividade, não a agressão, está inerente ao amor em toda relação dual. Eu é o outro; o outro é o eu. Exclusão recíproca: um ou outro, aquele que eu amo me exclui; eu excluo aquele que eu amo. Esse movimento pendular oscila entre a fascinação pela imagem unida e a rivalidade vivida como ameaça de fragmentação e constitui o que Lacan chamou de libido erótico-agressiva.

O eu impõe ao mundo sua imagem segundo suas características fundamentais: a inércia, a permanência e a inversão. A inércia resulta do fato de o eu tender sempre a ser idêntico; não há modificação de sua imagem mesmo na puberdade e na velhice. A permanência explica a inércia, já que, por uma imagem alienante, o sujeito se reconhece. Será necessária sua permanência, cuja consequência é uma resistência à modificação. Quanto à inversão, característica da imagem do espelho, o que aparece de um lado, no corpo, aparece no espelho, de outro. Isso se verifica no transitivismo infantil, no qual a criança, ao bater no lado esquerdo da face de uma outra criança, aponta sua própria face direita.

O narcisismo explica como o sujeito pode permanecer fixado numa imagem fascinante e alienante e também esclarece a agressividade como correlativa da estrutura narcísica. Se implica a existência de um só lugar (um lugar único) – o lugar do falo – e se o semelhante (o outro) tem todas as virtudes da imagem (a unidade e a boa forma), ele ocupa lugar único, o que comporta para o eu a perda do lugar e do reconhecimento. Isso significa a ameaça de fragmentação e a resposta agressiva, que não é senão a necessidade de fragmentar o outro para ocupar o lugar.

O registro do imaginário do espelho permite também esclarecer a natureza do duplo. Paradoxalmente, se o narcisismo implica a questão da unidade, por outro lado, o estádio do espelho também nos apresenta a questão do duplo, a questão de duas imagens, o eu e o outro. (O estádio do espelho é uma outra forma de explicitar o que Freud fala de narcisismo.) O duplo nasce do que Freud chama narcisismo primário e provoca uma inquietante estranheza (também uma estranha familiaridade). É uma repetição do idêntico ligada ao inconsciente, o que Freud denominou automatismo de repetição.

O duplo se liga ao eu ideal, primeira forma de que o eu se aliena e representa a unidade do corpo na imagem, porém sem predicado. Ele é o *um* unificante de Lacan, tronco do que permanecerá como exigência formal da perfeição em oposição ao ideal do eu, lugar de onde o sujeito é olhado e de onde ele lê sobre o que fazer para ser amável e para alcançar a perfeição.

O risco reside na convergência entre o narcisismo e a pulsão de morte. Narciso morre ao entregar-se fascinado a seu próprio reflexo: a pretensão narcisista da coincidência absoluta com o ideal implica a morte do sujeito

desejante. Quando isso adquire uma intensidade maior, torna-se patológico, leva-o ao vazio da existência, talvez a um sentimento insuportável, de não mais existir.

Tanto a vivência de si como o sentimento de continuidade no transcurso temporal têm apoio no sentido de pertinência ao conjunto de relações humanas, em cujo contexto a singularidade da vida individual ganha significação. O sentimento de vazio é a manifestação da retração narcísica concomitante ao desinvestimento global da realidade. Vive-se uma vida marcada pelo isolamento, solidão, desassossego crônico, embotamento e tédio.

Deve-se pensar esse desinvestimento como des-ligação da relação com o outro (Objeto), desunião do conjunto, o que reforça o voltar-se sobre o ego e, principalmente, sobre o corpo como objeto narcísico primário. Mesmo que o corpo se insira numa rede de significações socialmente valorizadas - modas, beleza, saúde...-, ela não chega a encobrir a intensidade das vivências hipocondríacas resultantes. A busca por drogas - quer legais, quer proibidas -, por iniciativa própria ou consultas a especialistas, talvez funcione como recurso paliativo, para minimizar a angústia. A própria relação com o outro provavelmente minimize a angústia, mesmo fadada ao fracasso.

2.2 Vínculo patológico com o outro

Vimos anteriormente a questão do narcisismo, de como o eu opera com o outro. Até o momento, importou-nos fazer uma contextualização do vínculo que

constitui o sujeito e a forma de construção desse vínculo, para adentrarmos na discussão acerca do patológico. Percorreremos as noções de relação de objeto, buscando a forma de a escolha e as relações operarem bem como a teoria a respeito de vínculo. O vínculo patológico pode ser uma “solução” para tamponar a angústia do desamparo, já que, nos dias de hoje, há tendência ao estabelecimento de relações mais fugazes e utilitárias, portanto menos estáveis, dando margens a vivências de situações desamparadoras, o que exacerba esse tipo de solução.

O outro pode ser transformado em objeto narcísico, no qual a identidade fique ligada a ele prioritariamente, ou seja, objeto idealizado de cuja apropriação dependerá o todo do ser. A lógica da paixão pode incluir um modelo de relação dual absoluta - todo enamoramento implica idealização e dependência -, mas as relações narcísicas atuais, que envolvem uma sexualidade desligada do amor, tendem a impregnar-se de características aditivas, empobrecedoras quanto ao interjogo de prazer e reconhecimento. Assim, convém postular, seguindo Verharghe (2001), que

O confronto especular apontado corresponde ao predomínio de uma relação dual narcísica, e o vínculo intersubjetivo só se tornará possível à medida que se passe a uma configuração triangular, constituída pelo eu, o outro e a falta. A falta é impossível de ser preenchida. No modo dual, o eu se vê compelido a suprir a falta no outro à dúvida, e apoiado em ideais preestabelecidos e supostamente compartilhados. O triangular, através da aceitação da falta, permite ao outro ser diferente e construir o novo em cima dessa diferença. Essa forma de amor parte da falta e se abre para a criação. (VERHARGHE, 2001).

A passagem do dual ao triangular corresponde a uma passagem do regime da pulsão ao registro do desejo, na qual o sujeito passa a ter a interdição como limite de suas satisfações.

Contrariamente à pulsão, o desejo não quer ser satisfeito se a satisfação tem como efeito apagá-lo. Se o desejo tem um objetivo, é precisamente o de conservar intacto esse fim, ou seja, não ser apagado, manter-se ativo.

As dimensões do gozo, no sentido enfatizado no pensamento psicanalítico contemporâneo a partir de Lacan, se diferenciam das do prazer. Este último diz respeito a economia do desejo que não se satisfaz plenamente; trata-se, portanto, de uma satisfação parcial, já aquele se refere sempre à busca de uma satisfação plena e total. O gozo insere-se na economia que regula os vínculos patológicos, tomando como ponto de partida a assimetria absoluta, que preside a relação dual entre a mãe e a criança.

Nesses casos, o sujeito possui uma estrutura narcísica, na qual, para ele, nada importa: nem o tipo de relação, nem o objeto ao qual se vincula; importa, sim, o objeto continuar ocupando o lugar para o qual foi “escolhido”, ou seja, o lugar de algo que vai completá-lo, “protegê-lo” da possibilidade de viver a angústia do desamparo. Em tais tipos de relação patológica, o objeto perde um pouco as características do objeto de desejo; ele pode ser visto mais como um objeto de necessidade do que como de desejo. Por quê? Vimos, no capítulo I, que o objeto de necessidade seriam quaisquer objetos – tanto na paixão amorosa como na droga -, independente de quais adquiram características de algo impossível de não existir na vida do sujeito, ou seja, objetos que passam a ocupar um lugar de algo de extrema necessidade na vida dele.

Chegamos, então, ao cerne do nosso problema: por que, no contexto da drogadicção e no da paixão, o objeto escolhido pode transformar-se em objeto de necessidade? Como se caracteriza esse vínculo patológico?

O termo “vínculo”, ao longo dos anos, vem adquirindo o sentido de uma estrutura inconsciente que une dois ou mais sujeitos e sustentada numa relação de presença. É sempre um vínculo social, mesmo com uma só pessoa. Por meio da relação com essa pessoa, repete-se uma história de vínculos em um tempo e em espaços determinados. Para Pichon Rivière,

Pode-se definir o vínculo como uma relação particular com o objeto. Essa relação particular tem como conseqüência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto. Desse modo, tem-se dois campos psicológicos no vínculo: um interno e outro externo. (PICHON RIVIÈRE, 1998, p.17).

Cada um desses vínculos tem um significado particular para cada indivíduo. O que vai se estabelecer varia de sujeito para sujeito e de sua relação com o objeto “escolhido”.

Assim, ao adotar o termo “vínculo”, não só trabalharemos com a noção de relação de objeto a qual discutimos no capítulo I, como também realçaremos seu caráter social.

Na teoria psicanalítica, costuma-se utilizar a noção de relação de objeto, sobretudo, a partir das contribuições de Lacan. Tal noção é constituída por uma estrutura que funciona de maneira dinâmica, em contínuo movimento e é acionada

ou movida por fatores pulsionais e por motivações psicológicas. Entendemos que a relação de objeto faz parte da estrutura interna do vínculo.

Bowlby, um autor que reforça a importância da qualidade das primeiras relações, desenvolveu, junto com outros, a teoria do apego. Segundo eles, as relações afetivas iniciais são as experiências emocionais mais intensas que alguém pode ter, e a personalidade adulta resulta dessas primeiras ligações. Os referidos autores realçam a importância de observar se havia pessoas disponíveis e responsáveis pelas necessidades da criança - não apenas para um cuidado obrigatório mas também para estabelecimento de uma relação profunda. Só assim, para eles, a criança pode desenvolver segurança e auto-estima, sentindo-se querida e necessária, com confiança na vida.

De acordo com a teoria do apego, crianças que não tiveram essa experiência vêem o mundo como desconfortável e perigoso; têm dificuldade em sentir alegria, porque não se sentem a salvo e seguras; considerem-se pessoas incapazes de estima e amor. Assim, segundo os mesmos autores, elas desenvolvem ligações de ansiedade que tomam conta dos outros de modo compulsivo; então, ligadas pela compulsão de cuidar, não entram em contato com o afeto. Trata-se de indivíduos que cresceram em famílias em que as figuras de ligação, que deveriam estar disponíveis, falharam nessa função ou não respondiam de maneira adequada, por conseguinte as crianças não foram “dependentes” no estágio esperado. Logo, em tais contextos, elas crescem ansiosas e inseguras, procurando, de maneira desesperada, figuras de ligação; ficam extremamente

dependentes dos outros, buscando confirmação de que não serão abandonadas. E, quando adultas, sentem-se ridículas e fracas por serem assim, tão dependentes.

Uma autora mais recente, que vem trazendo contribuições significativas às questões relacionadas ao vínculo, Lygia Vampré¹², discute também as relações de dependência entre sujeito e objeto e propõe a expressão “dependência do vínculo“, para indicar aquelas situações nas quais o sujeito depende do modelo ou do tipo de vínculo que ele construiu ao longo de seu desenvolvimento. Para ela, tal dependência é própria do sujeito e independe de qualquer objeto e do desejo de a este se vincular.

A autora declara que a “dependência do vínculo” parece estar baseada no *falso-self*¹³, noção utilizada por Winnicott, posto que, como o bebê usa o gesto da mãe como seu para agradá-la, o dependente do vínculo utiliza os movimentos do outro como seus para agradá-lo. Ele escolhe, de maneira inconsciente, um outro que precise do seu gesto para sentir-se seguro.

¹² Lygia Vampré Humberg é psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae, especialista em Psicologia Clínica e Psiquiatria pela Faculdade de Saúde Pública da USP, mestre pela FMUSP, professora de Psicanálise na UNINOVE, co-autora dos livros “Colóquio Freudiano – Teoria e Prática da Psicanálise Contemporânea”, Editora Via Lettera, e “Drogas, prevenção e tratamento”, CLA Editora, indicado para o prêmio Jabuti, de 2003.

¹³ Um conceito desenvolvido por Winnicott (1990) é o de *falso-self*. Quando a mãe não é suficientemente boa e não tem capacidade de *holding*, o bebê vai desenvolvendo o *falso-self*. Segundo ele, o *falso-self* pode ser explicado por meio das primeiras relações objetais. Neste momento, o bebê ainda não está integrado e é dependente da mãe. Periodicamente um gesto do bebê expressa um impulso espontâneo. A fonte desse gesto é o *self* verdadeiro. Dependendo de como a mãe responde ao gesto espontâneo do bebê, ele poderá desenvolver sua espontaneidade ou não. Se a mãe alimenta a onipotência infantil, ela reforça o ego do bebê (mãe suficientemente boa). Se não for capaz de complementar a onipotência do bebê e se substituir o gesto deste pelo seu próprio, ele desenvolverá submissão, que é o estágio inicial do *falso-self*, resultado da inabilidade de a mãe sentir as necessidades do seu filho.

O sujeito, ao abandonar¹⁴ ou ser abandonado pelo objeto amado, sofre um profundo sentimento de desamparo; ao evitar tal desamparo e se proteger do avassalador sentimento de abandono, desenvolve uma relação de dependência. Vampre chama a esse tipo de dependência de “dependência do vínculo”.

Resta saber por que algumas pessoas desenvolvem uma relação patológica, enquanto outras, não. Talvez uma das hipóteses seja a busca para tamponar a angústia do desamparo. Sabe-se que o sujeito é um ser que nasce inserido numa situação de desamparo, pois, por um período inicial, precisa do outro para sobreviver - trata-se de um desamparo fundamental. Porém algumas pessoas “necessitam” continuar nessa posição de “dependente” do outro ou de algo, porque vivem em estado permanente de desamparo.

No que concerne ao desamparo, Freud, desde os primeiros textos, apresentou-o, remetendo-o sempre a uma perspectiva de total falta de garantias, que se manifesta de forma simultânea ao trabalho de construção do psiquismo. Essa noção, retomada recentemente por Costa Pereira (1999), põe em evidência a *HILFLOSIGKEIT* freudiana como “um substantivo que designa o estado ou a condição de alguém que se encontra sem ajuda, *HILFLOS*, desamparado (COSTA PEREIRA, 1999, p. 128).

A criança vê-se, desde muito cedo, numa relação de total dependência para com o adulto, sem o qual ela não consegue subsistir; por si só é impotente para

¹⁴ “Abandono” vem da antiga expressão “*mettre à bandon*”, isto é, renunciar a uma coisa em detrimento de alguém, dar-lhe poder. O uso da expressão visava primitivamente a um objeto, não a uma pessoa. Aplicando-se a um sujeito, ultrapassou a idéia de “deixa” ou “largar”, pois, “abandonar” implica, ao mesmo tempo, a intenção de renunciar à sua liberdade de ação e ser libertado, posto em liberdade. Aplica-se ao fato de o sujeito renunciar seu objeto “escolhido e amado”, seja ele qual for. (GORI, 2004, p. 32)

alimentar-se e sobreviver. Sendo assim, são imprescindíveis a presença e os cuidados de um outro; imprescindível, também, sentir-se amada e protegida, pois tal sensação vai aos poucos (e ilusoriamente) atenuando o desamparo inicial e inegável.

A necessidade de ser amada parece mostrar à criança a existência de um outro - esse outro, meu semelhante, que, aos poucos, se fará Outro -, aquele que me interroga e para o qual sou objeto de desejo; aquele que banha o bebê com os primeiros cuidados e o banha, também, com a imensidão do seu desejo. Então, ao nascer, está desamparado não só física e biológica como também, e sobretudo, psicologicamente. Mas estamos desamparados também frente aos ditames e ciladas do desejo desse Outro, que pode captar ou capturar nossa subjetividade.

Entretanto, é também a partir de tal condição intrínseca de desamparo, ao que parece, à própria condição do ser humano, que, como nos mostra Jean Laplanche citado por Costa Pereira (1999), “O mundo do bebê se abrirá para o mundo do adulto. É nessa fresta de abertura que se circunscreverá o desejo, no lugar onde antes manifestavam-se o desamparo e a impotência”. Então, poder-se-ia dizer que o caminho “natural” do desamparo leva à alteridade, ao outro/Outro, ao objeto, que, daí em diante, estará sempre sendo, de alguma forma, investido por todos nós.

Pode-se distinguir o desamparo a partir de dois registros. Primeiro, sabe-se que é da condição humana o desamparo, pois já se nasce desamparado, por tal razão deve ser cuidado para sobreviver; assim se permanece durante toda a vida, com a certeza desse desamparo, que consiste também na certeza da finitude. Segundo, há também a situação experimentada em vários momentos da vida e

causadora de insegurança, medo, angústia, a qual remete para a lembrança da condição de desamparo inicial. O sujeito pode sublimá-lo, recorrendo a diversos recursos “saudáveis” para minimizar e superar essa sensação.

Porém não é nenhuma novidade dizer que a subjetividade está sempre em consonância com a dinâmica de uma sociedade. Passa-se pela transformação profunda em que os valores e ideais comunitários estão subordinados aos objetivos pessoais e, mais fundamentalmente, aos objetivos econômicos. Então, quanto à relação de dependência, o paradoxal é que o tão temido desamparo, e com ele a dependência, reaparece de forma encoberta: se não há Narciso¹⁵ sem lago, do mesmo modo não existe sujeito sem o olhar do outro, dependência sem desamparo.

Nossa época tende a promover modelos identificatórios ideais e perfeccionistas, o que exige autonomia na realização individual que compromete a relação com os objetos. As tensões presentes na comunidade como resultantes de uma crise que envolve ideais inacessíveis, unidas à frustração e à impotência crescentes, derivadas da redução do espaço de participação, se descarregam no interior das relações com o outro. Trata-se de uma tentativa de se conseguir algum protagonismo na gestão da própria existência, desejando-se compensar, com isso, o vazio crescente que afeta o próprio sentido de existir. Essa tentativa, no entanto, está fadada a fracassar. Em tais situações, tende-se a retomar modelos arcaicos de relações nos quais a existência do sujeito estava salvaguardada pelo outro.

¹⁵ Narciso, mito grego do qual Freud se “utiliza” para ilustrar a questão do narcisismo

Gori (2004) observa que a paixão pode servir para tamponar o sentimento de desamparo que, ao mesmo tempo, presentifica uma situação arcaica:

“A paixão funciona como um obturador. E ela vem como que obliterar uma perda originária. Esta, que de fato se encontra na nascente do fenômeno passional, fica portanto, ao mesmo tempo, mascarada para o sujeito que, ele, vive a experiência da paixão e coloca o risco desta perda abaixo. Em outras palavras pode-se desde já considerar que aquilo que se produz no momento das rupturas do laço passional constitui menos a consequência do que a própria causa. Neste sentido, este pavor ou esse sentimento de desamparo devidos ao abandono vivido durante os estados passionais não são os efeitos da paixão, mas o que a produz a fim de dar um nome a uma imagem, em outras palavras, uma representação a uma paixão originária da qual não mais nos lembramos. Aliás, Freud havia nomeado o corolário desta paixão original no recém-nascido de *Hilflosigkeit*, traduzido em francês por ‘estado de desamparo’, designando uma miséria tanto psicomotora quanto física. Esta hipótese explica a importância desta miséria à qual se dedica o apaixonado numa autêntica paixão por sua ruína e por seu desastre. (GORI, 2004, p. 33).

Em outras palavras, as fantasias de perda do objeto “escolhido” - o objeto de sua paixão, de sua dependência, de seu vínculo patológico - parecem amedrontar o sujeito mais que tudo, esse desaparecimento tão temível que o apaixonado declara jamais poder suportar. O sujeito vive “antecipando” e sofrendo com a possibilidade de vir a ser abandonado ou de perder seu objeto; termina até por não “usufruir” de momentos que talvez fossem agradáveis com seu objeto, porquanto busca formas de evitar a perda. Mostra a psicanálise que ele teme tanto mais, quanto ele sabe o que o espera, assim, não se constrói psiquicamente sem o objeto tê-lo atravessado.

Existem pessoas que sofrem, preocupando-se, quase que exclusivamente, com o bem-estar dos outros: elas detêm pouco conhecimento a respeito de si, apresentam baixa auto-estima e acham que todo o seu sofrimento é causado pelo outro. Sempre escolhem parceiros que precisem delas, porque assim se sentem necessárias e projetam toda sua vida no sentido de manter essa relação. Estamos falando de um sujeito que desenvolve um tipo de vínculo patológico no qual “precisa” do outro. É a forma possível de ele se relacionar com seu objeto, ou seja, só “consegue” se relacionar, “precisando” do outro.

Essa forma de relação com um outro ou objeto é discutida por Joyce McDougall (1995), ao falar da existência de uma “estrutura aditiva”. Segundo ela, tal estrutura parece comum a todos os sujeitos dependentes, grupo em que se inclui aquele que faz uso do outro como droga. Nesse caso, o outro transforma-se em algo necessário à vida de tal sujeito e em objeto de fuga da angústia. Em outras palavras, na “estrutura aditiva”, a atuação representa um modo compulsivo de evitar o transbordamento afetivo. Observa ela:

Assim, o que caracteriza a “personalidade aditiva” é a procura constante, fora de si próprio, de solucionar problemas que são internos. O objeto pode ser o mais variado, já que o importante é o modo de se relacionar com ele: a ‘solução’ encontrada pode ser uma substância: álcool, comida, droga... ou então a utilização aditiva dos outros (que faz parte dos problemas ditos narcísicos da personalidade), ou ainda uma utilização aditiva da sexualidade, isto é, uma relação sexual em que o objeto tem pouca importância ou deve mudar constantemente”. (*Apud* GURFINKEL, 1995, p. 44).

Pode-se compreender a estrutura aditiva, então, como um modelo de funcionamento de provável ocorrência com relação a diferentes objetos e em diferentes contextos. É importante a visão de McDougall (1995) no sentido de que o objeto “escolhido” - seja qual for - apenas ocupa um lugar para tamponar a angústia, portanto uma defesa contra angústias insuportáveis.

A relação de vínculo patológico se caracteriza justamente pela necessidade de se estabelecer uma relação e, ao mesmo tempo, pela sua impossibilidade. A garantia de segurança só advém através de uma relação simbiótica, de completude com o objeto. Mas o sujeito, ao proceder assim, também teme o aprisionamento ou o abandono. O objeto entra como provisão de amor, sem o qual se dá a ruína. Trata-se, portanto, de um vínculo que não vincula, pois o sujeito vê-se sempre ameaçado de perder, de se perder. Assim, por causa da regressão narcísica, as solicitações se dirigem ao próprio superego, que é o representante dos pais, e o sujeito, temendo perder o amor do superego, está sempre tentando acalmá-lo e agradá-lo.

O mesmo anseio que governa tais impulsos patológicos atua também nos adictos, pois há a necessidade de obter uma coisa que não é mera satisfação sexual, mas, também, segurança e garantia de auto-afirmação essencial à própria existência do indivíduo.

Para a psicanálise, a referência à primeira relação amorosa - a que ocorre entre mãe e filho e dá suporte e potência constitutiva à existência tanto biológica como psíquica da criança - constitui o modelo de base para os amores posteriores.

O amor é destacado em Freud como uma das “artes da vida” mais importantes na busca da felicidade e na fuga do sofrimento, ao longo da existência

do ser humano. Essa situação apresenta, entretanto, uma dualidade peculiar, porque, assim como aproxima o sujeito da ventura almejada, o expõe, como nenhuma outra, às dores da dependência. “Nunca estamos menos protegidos contra as penas do que quando amamos; nunca mais infelizes e desvalidos que quando temos perdido o objeto amado ou seu amor”. (FREUD, 1914).

Entretanto, pouco será entendido da complexidade das relações amorosas se não se reconhecer uma situação fundamental que relativiza a polaridade entre narcisismo e amor do objeto. Pode-se entender tal situação como um paradoxo e, em certo sentido, necessária: a dupla mãe-filho, modelo básico da relação de amor em geral, é, por muito tempo, uma unidade narcísica, na qual o outro não é plenamente um outro. Essa alteridade do objeto deverá ser reconhecida / construída por meio de um caminho em que não faltarão a dor, a insegurança e a criação.

A clínica recebe na atualidade esta nova forma de sintomatologia, o vínculo patológico, entendida como o sofrimento de amor, sofrimento que tem relação direta com a relação de dependência. Segundo Lejarraga (2002), os amores frustrados, desencantados, superestimados, discutidos fazem parte do mal-estar da cultura atual, que também se relaciona com a situação do desamparo.

Na perspectiva freudiana, entende-se também o desamparo como a dependência absoluta do ser humano com o seu primeiro objeto de cuidado e amor. A mãe influencia o bebê na sua estrutura psíquica e, por consequência, lhe dá subsídios, ou não, para constituir a relação com um *outro*.

Falar em relação de dependência (e até da dependência amorosa) como desamparo implica também um desamparo da ordem da falta, pois, nesse caso,

fala-se de um tipo de vínculo em que o sujeito está “colado” ao objeto: qualquer ameaça de perda significa perda do próprio sujeito “fusionado” no vínculo de dependência com seu objeto de amor, de necessidade.

Na relação de vínculo patológico, acontece também que o cuidar e o controlar o outro se tornam prioridade e há um desejo irresistível para isso. Tais ações buscam evitar o perigo de perder o objeto “amado”, escolhido, no sentido de sempre controlá-lo e mantê-lo junto ao sujeito. Embora, na dependência química, apresente-se uma síndrome de abstinência, pois o organismo necessita da droga, esse objeto-droga também ocupa um lugar no investimento psíquico do sujeito. Então, tanto na dependência do apaixonado como na dependência química, o sujeito sente-se vazio, deprimido, se não dispuser do objeto para cuidar e controlar – repetição, de maneira invertida, da relação de simbiose com a mãe, na qual ele era cuidado e controlado. Despreparado, então, para tolerar a angústia da separação e da espera, esse sujeito recorre a mecanismos de defesa bastante inflexíveis e utiliza a relação com o outro como proteção contra angústias intoleráveis.

O prazer, oriundo das paixões – pela droga ou por outro ser humano -, efetivamente se relaciona com a economia narcisista e, portanto, identificatória. Anula a tensão entre as instâncias representadas pelo eu e ideal do eu (confundindo-se com eu ideal neste caso), assim como cria um momento de trégua no conflito presente entre *Éros* e *Thânatos*. O que o objeto vem a realizar é uma pseudo-resolução temporária do conflito identificatório que nunca foi possível ser resolvido de outra forma e que se torna, então, insustentável. Cada vez que o

sujeito se vê confrontado com tal conflito, lança mão do seu objeto, agora colocado como necessidade e fonte exclusiva de todo prazer. Segundo Piera Aulagnier,

Relação passional, no sentido de que um objeto tornou-se para o Eu de um outro fonte exclusiva de todo prazer, tendo sido por ele deslocado para o registro das necessidades, ou seja, o objeto tornou-se não somente fonte do único prazer que conta realmente, mas de um prazer que se tornou necessidade. O que vai interessar é o vínculo que se estabelece entre sujeito e objeto.[grifo nosso] O Eu é inexistente para o objeto que ele investiu passionalmente – isso pode ser visto tanto no caso da droga como no caso da paixão amorosa, assim como os processos de idealização e ilusão do objeto investido. (AULAGNIER, 1985, p. 93).

E, mais adiante, ela continua:

A paixão não define um sujeito ou um objeto determinado, porém define o *vínculo estabelecido entre ambos*: o místico com o seu Deus, o toxicômano com sua droga, o sujeito com o Outro, o sábio com sua pesquisa etc. Assim, *falamos de paixão quando esse objeto aparentemente se tornou para um outro indispensável uma exigência vital, aquilo que não pode faltar, então pouco importa qual seja o objeto.* (AULAGNIER, 1985, p. 94).

A autora defende que no amor há uma relação de simetria, diferente da paixão. Essa relação se justifica pelo lugar de privilégio em que cada um coloca o outro. Eu e objeto são tanto fontes de prazer quanto de sofrimento. Já na paixão amorosa, a relação é de assimetria, na medida em que o objeto se torna fonte exclusiva de prazer e se desloca para o registro da necessidade. Neste caso,

Aulagnier (*ibid*, p.155) destaca que “o outro se apresenta como autopossuidor de uma onipotência”; portanto, não se faz necessário esse Eu investir em outros objetos. Com o objeto eleito, o Eu pensa possuir tudo de que precisa.

Na relação de dependência ou vínculo patológico, o objeto, ocupando o lugar de objeto *a*, é puxado, irremediavelmente, para o sujeito, sem possibilidade de escolha, pois, em tal relação, se demanda sempre mais. Vimos, no capítulo anterior, que o objeto *a*, “causa do desejo que se furta ao sujeito, seria utilizado para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser “não representável”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 551). Seu poder avassalador e desmedido, exige entrega imediata; e a fascinação está em desejar, em se alienar da imagem do objeto que fascina. Em consequência, a dependência estabelecida mobiliza automatismos tenazes decorrentes da própria pulsão e encontra satisfação tanto nos efeitos como nas origens. Contudo não é outra coisa, senão um deslocamento que atrai e afeta aquele que ama, porque, apesar do potencial destrutivo do objeto investido, este é vivido como prazeroso e tem, sempre, embora fugaz, a capacidade de reduzir a dor psíquica.

É próprio do estado de dependência um hiperinvestimento no objeto amado que ocasiona esvaziamento do ego. No texto Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914), Freud já dizia que “o estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção do objeto”.

Quanto ao objeto da dependência, ele pode ser único ou variável, encantador ou atemorizante, encontrado fortuitamente ou obstinadamente procurado, amorosamente idealizado ou raivosamente rejeitado. Em quaisquer

desses casos, depende da identificação feita pelo sujeito de que aquele poderia preencher a falta ou garantir a existência do desejo do Outro. O objeto, então, seria uma ilusória “solução” para neutralizar o sentimento avassalador de desamparo. Em tal relação de dependência, o sujeito vivencia uma sensação ilusória de plenitude com o objeto e, por conseguinte, acredita ter colocado o desamparo distante de sua vida.

Uma característica observada nessas relações é a presença de um sujeito de “maior poder” e outro de “menor poder”. O segundo, por se sentir em profunda situação de desamparo, se submete ao primeiro. Enfim, alguns sujeitos estabelecem vínculos de dependência, visando a não sentir, de forma tão intensa, a angústia do desamparo.

O vínculo que se estabelece entre sujeito e objeto numa relação de dependência se aproxima do que Lejarraga (2002) pontua sobre paixão e desamparo na contemporaneidade. Ressalta ela que

Podemos pensar na paixão como figura contraposta ao desamparo, ou como uma resposta passível ao desamparo. Enquanto o desamparo implica dependência e fragilidade egóica, na impossibilidade de se valer por si mesmo, a paixão amorosa – que contém no seu bojo a dependência total do amado e a diluição do eu no outro – quando correspondida é imagem e de auto-suficiência a dois. O apaixonamento representaria ilusoriamente a felicidade e a plenitude, contraposta ao desamparo, que seria metáfora da desolação. (LEJARRAGA, 2002, p. 115).

Então, pode-se dizer, tanto o “vínculo”, que se estabelece entre sujeito e objeto numa relação de dependência, como o “apaixonamento” seriam uma saída para a angústia do desamparo. Neles o sujeito irá sempre buscar uma completude e plenitude inatingíveis. Ele se confunde e funde-se com o próprio objeto idealizado e amado, por isso impossibilitado de desejar.

O sujeito toma a vida de um outro como sua e incorpora o objeto-droga para suprir-lhe a condição de ser desamparado e só. O objeto ocupa, então, um lugar de algo necessário para que o sujeito seja capaz de suportar a “possibilidade” de sentir-se desamparado.

Por fim, no vínculo patológico, estabelece-se, entre sujeito e objeto, uma relação de dependência em que o primeiro vive sob a ameaça de “perigo iminente”, de desamparo constante, mesmo mantendo-se “colado ou fusionado” ao Outro. Para não correr o “risco” de um possível sentimento de desamparo, o sujeito, cada vez mais, depende e vincula-se de forma patológica, pois, não sendo “dono” dos próprios sentimentos, qualquer ameaça de quebra desse vínculo deixa-o totalmente desequilibrado, o que gera a necessidade de ficar, mais intensamente, “colado” ao objeto para assegurar-se do seu próprio ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso estudo, procuramos mostrar que, quando o objeto de desejo se transforma em objeto de necessidade, o sujeito passa a depender dele e, então, o vínculo torna-se patológico. Nossa leitura sobre uma forma patológica de o sujeito se vincular com seu objeto, certamente, não encerra a discussão sobre o tema, mas realça a importância de se prestar atenção no tipo de vínculo, talvez mais do que no tipo de objeto escolhido.

O propósito de aprofundar a compreensão do tipo de relação que o sujeito mantém com o objeto-droga, cremos, foi atingido. Assim, acreditamos, agora, respaldada por tal conhecimento, podemos retornar ao contexto da clínica das toxicomanias. Evidentemente, não o faremos aqui, mas, desde já, queremos deixar registrada nossa intenção.

Refletimos sobre a questão do vínculo patológico como uma forma de o sujeito se relacionar com seu objeto e falamos de uma relação em que o segundo é tomado como portador de toda forma de satisfação de necessidade do primeiro.

A busca por uma fusão imaginária com o objeto é uma característica dessa forma de vínculo, no qual o eu fica completamente envolto; o outro, o objeto “escolhido”, nada mais é do que o próprio eu idealizado. Trata-se, portanto, de uma relação em que o suposto outro reflete os ideais e ambições do Ego Ideal. Entretanto, verifica-se um paradoxo: ao se buscar um objeto de satisfação baseado

numa satisfação passada, o objeto encontrado só gera insatisfação e nunca equivale ao que se procura.

Eis aí o ponto de afinidade com o que acontece nas relações de paixão. O eu em que o apaixonado investe desmedidamente é um espelho que reflete as ambições do Ego Ideal, um “objeto-tela”, um “objeto-outro-eu-mesmo”, muito mais que um Outro propriamente dito. Essa escolha, segundo Aulagnier, parece ser muito mais obra de *Thânatos* do que de *Éros*, haja vista, em geral, idealizar-se tal objeto como sendo o detentor de todo o prazer e de todo o “poder da vida”. Porém, paradoxalmente, ele satisfaz tanto a *Thânatos* quanto a *Éros*. Citando Aulagnier, temos:

A estranha capacidade do objeto satisfazer concomitantemente Eros e Tanatos, de facilitar uma implicação momentânea entre Eros e Tanatos, implicação esta que o sujeito está impossibilitado de operar, de preservar (...) A implicação pulsão sexual – pulsão de morte, esta estranha “mistura”, geralmente se realizou no momento em que a libido vai ser investida em proveito de um “amado” do qual se espera um prazer que concerne ao mesmo tempo ao registro narcísico e ao registro sexual, o registro do pensamento e o registro do corpo, o próprio Eu e o Eu do outro. (AULAGNIER, 1985, p.159).

A questão do vínculo patológico, certamente, aponta para a do objeto, da alteridade, do Ego ideal, da recusa e da renúncia. Às vezes, o Ego ideal ou o Ego “apaixonado” mantém a ilusão de ter encontrado no “objeto escolhido” – droga ou paixão –, o objeto perdido. Quando isso acontece, pode-se enveredar por dois

caminhos: ou se perpetua essa forma de vínculo ou é vencido pela desilusão, o que faz desmoronar em todos os engodos de completude que o “objeto” idealizado ilusoriamente prometia. Se a primeira hipótese requer a manutenção do vínculo de dependência pela permanência da presença do objeto e, por isso, o objeto não pode faltar, a segunda pode significar o abismo, a queda do sujeito.

O vínculo patológico se dá quando o sujeito se torna prisioneiro de uma ilusão de completude que uma função materna outrora lhe acenou, permitindo-lhe negar seu desamparo e castração. Na forma de vinculação “saudável”, o sujeito ama o objeto, mesmo reconhecendo que ele não o completa.

Esse estado de plenitude ilusória é um engodo e, como tal, acreditamos que o vínculo patológico permite recusar a castração e o desamparo no homem. Este, ao mesmo tempo em que ilusoriamente se alimenta do narcisismo originário perdido da infância, levando-o à crença de ter encontrado seu objeto, destina-se ao fracasso. Eis seu *páthos*, seu sofrimento e, ironicamente, sua passividade, pois, diante de tal forma de vínculo, pouco lhe resta a fazer. Há, portanto, uma certa dimensão de solidão que envolve o sujeito, porque, como Narciso, ele se torna refém de si mesmo ou de sua imagem idealizada. Está na solidão de si mesmo, esquece-se de tudo e de todos e só tem olhos para o objeto escolhido, que alimenta a ilusão. Não é sem propósito que Aulagnier atribuiu muito mais à obra de *Thánatos* do que à de *Eros* a escolha do objeto da paixão. A presença da pulsão de morte parece ser bem imperativa no vínculo patológico.

No decorrer do presente trabalho, o vínculo patológico foi pensado a partir de determinadas vivências que atingem o sujeito durante sua vida, tendo como

pano de fundo os primeiros modelos de relações. Tais vivências, com certeza, vão determinar no sujeito uma imagem para lidar com situações de separação, desilusões inerentes à vida, frustrações, criando ou não possibilidades de ele encontrar formas criativas de enfrentar as limitações. Quando isso não acontece, “resta-lhe” a forma de vincular-se, patologicamente, a um outro, buscando algo que ele acredita faltar nele; e o outro passa a ser detentor do que lhe falta.

Um paradoxo na condição de dependência do sujeito é poder ser com o outro, sem neste se perder. É o que Winnicott nos permite pensar com o conceito da “Capacidade de Estar Só”. A capacidade de estar só significa resguardar um espaço privado na presença do outro. Isso quer dizer que, diante da relação com o outro, de quem precisará sempre como condição de existir, mantém-se a probabilidade de sustentar um lugar próprio, sem negar o outro como alteridade; daí a possibilidade de se reconhecer a dependência e, ao mesmo tempo, manter um campo de autonomia. Nesse sentido, estará resguardada a possibilidade de ser criativo e de lidar com o outro sem neste se perder.

A relação de dependência parece ser regida por uma ética diferente da que rege a de “não-dependência”: há a predominância de uma ética totalitária que talvez molde as relações de domínio e de servidão bem como a anulação do outro enquanto alteridade. São sempre tentativas de tamponamento de uma falta ou uma “solução” para afastar a angústia do desamparo, por isso tal grupo de sujeitos perseveram no vínculo de dependência, mesmo quando conseguem trocar de objeto. Isso acontece, muitas vezes, nos casos de “recuperação” do vício da droga: deslocam a “dependência” para outro objeto.

A dependência ao “objeto escolhido” os leva à servidão. Submeter-se a qualquer coisa para não perder é a regra do sujeito que apresenta uma estrutura aditiva. Como consequência marcante, perpetua-se a situação de dependência em relação ao outro, negando-se o princípio básico da alteridade.

Na clínica, sabemos, cada caso de relação de dependência deve ser analisado na sua singularidade, mas ela tem nos mostrado que, na toxicomania, convém considerarmos, pelo menos, três aspectos:

- o tipo e a dinâmica do vínculo que o sujeito estabelece com o objeto;
- o objeto escolhido para estabelecer esse vínculo;
- as propriedades do objeto para promover ou exacerbar dependências químicas, psicológicas ou sociais.

Continuamos convictos de que o primeiro aspecto deve ser priorizado, porque perpassa e determina a dinâmica interna da dependência do toxicômano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer: alienação, amor, paixão.** Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. Observações sobre a feminilidade e suas transformações: *In*: CLAVREUL, J. **O Desejo e a Perversão.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1990, p. 94.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOWLBY, J. **Apego e perda.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.** Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2001.

CARDOSO, S. **Os sentidos da paixão.** São Paulo: Companhia de Letras, 2002.

CHEMAMA, R. (org). **Dicionário de psicanálise.** Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSTA PEREIRA, M.E. **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico.** São Paulo: Escuta, 1999.

DIAS, S. **Paixões do ser: uma captura monstruosa.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução de Jorge Bastos e André Telles. Revisão técnica de Carmem Mirian Da Poian. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

_____. **Introdução à obra de Lacan**. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. Sobre narcisismo: uma introdução (1914). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XIV.

_____. SALOMAO, J.; EDUARDO; STRACHEY, JAMES; Z-MOVIE. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (Cd Rom). São Paulo: Imago.

_____. Projeto para uma psicologia científica. (1895). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. I.

_____. Interpretação dos sonhos (1900). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. IV.

_____. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. VII.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuição à psicologia do amor I). (1910). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XI.

_____. Totem e tabu (1913[1912-13]). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v.XIII.

_____. Luto e melancolia. (1917[1915]). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XIV.

_____. O ego e o id. (1923). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XIX.

_____. A questão da análise leiga. (1925). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v.XVIII.

_____. Psicologia das massas e análise do ego. (1925). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XX.

_____. Para além do princípio do prazer. (1925-26). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XVIII.

_____. Inibição, sintoma e angústia. (1926). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XX.

_____. O mal-estar na civilização. (1930[1929]). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XXI.

_____. Sexualidade feminina. (1931). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XIX.

FUKS, L. (org). **Desafios para a psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003.

GORI, R. **Lógica das paixões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

GURFINKEL, D. **A pulsão e seu objeto-droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1995.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFFMAN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud a Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges. Consultoria de Marcos Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KALINA, E. **Drogadicção – indivíduo, família e sociedade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KEHL, M. R.. **A psicanálise e os domínios das paixões**. In: CARDOSO, S. *et al*. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.

KLEIN, M. E.; RIVIÉRE, J. **Amor, ódio e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1970.

LACAN, J. O Seminário. Livro 4. **A relação de objeto** (1956-57). Direção de tradução Jacques-Allain e Judith Miller. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. O Seminário. Livro 1. **Os escritos técnicos de Freud** (1953-54). Direção de tradução Jacques-Allain e Judith Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. O Seminário. Livro 10. **A angústia**. (1962-63). Direção de tradução Jacques-Allain e Judith Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. O Seminário. Livro 2. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Direção de tradução Jacques-Allain e Judith Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAPLANCHE J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulário de psicanálise**. Direção de Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. *In: CARDOSO, S. et al. Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.

LEJARRAGA, A. L. **Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.

MACDOUGALL, J. **Teatros do eu**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MANNONI, M. **O objeto em psicanálise: o fetiche, o corpo, a criança, a ciência**. São Paulo: Papyrus, 1989.

MASOTTA, O. **O comprovante da falta**. Campinas: Papyrus, 1987.

MELMAN, C. **Alcoolismo, delinqüência, toxicomania: uma outra forma de gozar**. São Paulo: Escuta, 1992.

_____. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio.** Porto Alegre: CMC, 2002.

MIJOLLA de A. **Dicionário Internacional de psicanálise:** conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

NASIO, J. **Os 7 conceitos cruciais da psicanálise.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Os olhos de Laura.** O conceito de objeto a na teoria de J. Lacan. Introdução à topologia psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

NICÉIAS, C. A. O objeto na intersubjetividade. *In: O objeto na teoria e na prática psicanalítica.* Rio de Janeiro: Campus, 1984.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomania.** São Paulo: Escuta, 1999.

OLIEVENSTEIN, C. **Destino do toxicômano.** São Paulo: Almed, 1958.

OLIEVENSTEIN, C *et al.* **A clínica do toxicômano:** a falta da falta. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PEREIRA, M. E. da C. **Pânico e desamparo:** um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta, 1999.

PICHON RIVIÉRE, E. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1998: Pg. 17.

RABINOVICH, D. **El Concepto de Objeto en la Teoria Psicanalitica,** Col. Los Ensayos, nº I, Ed. Manantial.

ROCHA, Z. **Freud: Aproximações**, Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

ROUDINESC, E & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVEIRA, X. **Dependência**: compreensão e assistência às toxicomanias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

WINNICOTT, D.W. **A família e desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

_____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self, *In: O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

VERHAEGHE, P.. **El amor em los tiempos de la soledad**. Buenos aires: Editorial Piados, 2001.

ZIMERMAN, D. **Manual de técnica psicanalítica**: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.